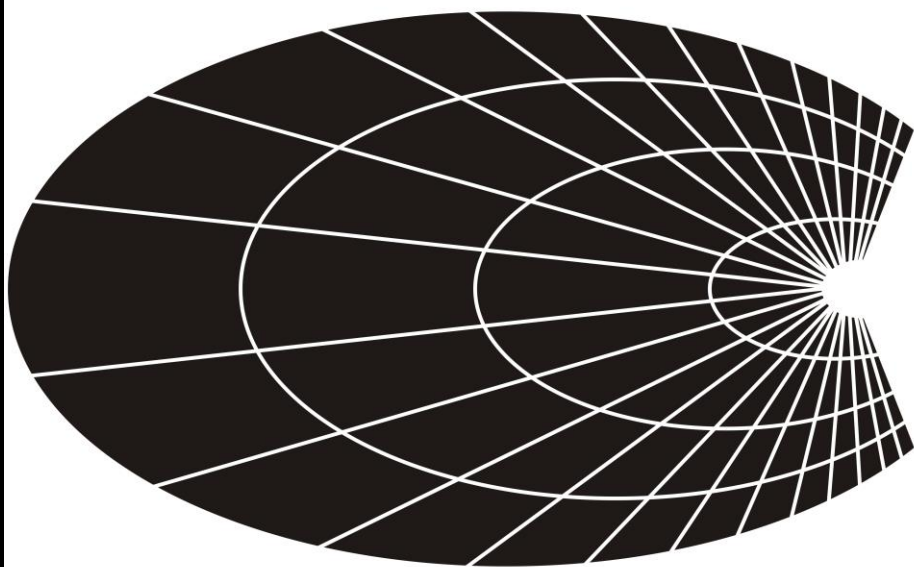


Revista Cosmos

v. 10, n. 2, Maio/Agosto. 2017.

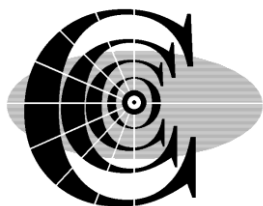
ISSN – 1679-0650



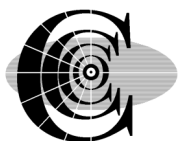
REVISTA

COSMOS

Cultura – Pesquisa – Educação – Planejamento



Revista Cosmos fundada em 2003



Editores

António de Sousa Pedrosa (*In memoriam*)
Elias Coimbra da Silva
José Roberto Nunes de Azevedo
Tulio Barbosa

Conselho Editorial

Amanda Regina Gonçalves - UFTM
Aires José Pereira – UFT
Airtton Sieben – UFT
Alyson Bueno Francisco –
Ana Maria Falsarella - UNIARA
Ana Maria Rodrigues Monteiro Sousa - Universidade do Porto
António José Bento Gonçalves - Universidade do Minho
Antônio Marcos Machado de Oliveira – UFU
Antônio Vieira - Universidade do Minho
Carlos Augusto Machado – UFT
Cristiane Tavares C. de Oliveira – PUC - SP
Edson Rosa de Almeida – SEE–SP
Evandro Correia Pedro - ANA
Fernando Manuel da Silva Rebelo - Universidade de Coimbra
Francisco Carlos de Francisco – UFRRJ
Francisco da Silva Costa - Universidade do Minho
Gláucia Carvalho Gomes – UFU
João Manoel de Vasconcelos Filho – UFRN
José Roberto Fernandes Castilho – UNESP
Laura Maria Pinheiro de Machado Soares - Universidade do Porto
Leda Correia Pedro – UFU
Lourenço Magnoni Júnior - FATEC – SP/ AGB-Bauru
Luciano Lourenço - Universidade de Coimbra
Maise de Alcântara Zakir - UNESP
Maria Beatriz Junqueira Bernardes - UFU
Marcelo Cervo Chelotti – UFU
Mírlei Fachini Vicente Pereira – UFU
Paula Remoaldo - Universidade do Minho
Paulo Roberto de Almeida – UFU
Rafael Montanhini Soares de Oliveira – UFTPR
Rubens Germano - ANA
Sérgio Luiz Miranda – UFU
Sérgio Paulo Morais – UFU
Vanessa Carvalho de Mello da Cunha Pereira (FTSA)
Vitor Koiti Miyazaki – UFU
Wellington dos Santos Figueiredo – CEETEPS – SP/AGB-Bauru

REVISTA

COSMOS

Cultura – Pesquisa – Educação – Planejamento

A Revista Cosmos é um veículo científico independente.

A Revista Cosmos, periódico científico independente, com periodicidade quadrimestral, fundado em 2003, publica trabalhos sobre temas de cultura humanística, científica e tecnológica. Plural defende a liberdade de expressão e o debate livre, crítico e democrático. Promove a construção múltipla de todas as áreas do conhecimento geográfico e áreas afins das ciências humanas. Estimula o debate político, filosófico e científico. Fomenta a divulgação de ideias e ações que permitam a constituição de um mundo mais democrático, fraterno, solidário, igual e plural.

A Revista Cosmos não se responsabiliza pelas opiniões dos autores, pois a mesma é apenas espaço para divulgação de ideias.

Imagem da capa: Elias Coimbra da Silva
Revisão: Ligia Mendes de Oliveira Azevedo

EDITORIAL

Calamidades ferem os trabalhadores em todos os sentidos nesse país movido por um elitismo mordaz e por um conservadorismo terrível. Vivemos um momento de pânico geral, mas também de total apatia, essa apatia é estruturada propositalmente com a sobreposição dos valores partidários sobre os valores dos trabalhadores. Os governos do PT não fizeram reformas ou transformações que beneficiassem de fato todo o povo brasileiro, ao contrário suas contribuições foram ridículas quanto ao garantir os direitos de todos os trabalhadores, os governos do PT não ficaram ao lado dos trabalhadores e todos seus projetos beneficiaram muito as elites.

Nesse número da Cosmos artigos desafiadores são postos em guarda para atentar aos leitores o perigo da mesmice acadêmica e da fragilidade da ciência comprometida com o conservadorismo burguês.

José Roberto Nunes de Azevedo
Tulio Barbosa
Elias Coimbra da Silva
Editores da Revista Cosmos

SUMÁRIO

ÉLISÉE RECLUS E O CÍRCULO DE GEÓGRAFOS ANARQUISTAS (1872 – 1890)

José Vandério Cirqueira..... 09

A EXPERIÊNCIA EM DOCÊNCIA DE GEOGRAFIA E BIOLOGIA – UMA ABORDAGEM INICIAL PREOCUPADA COM O FUTURO

Glauco Henrique Clemente Batista & Tiago Henrique de Araújo.....38

LITERATURA DE CORDEL: INSTRUMENTO AVALIATIVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Hellen Cristine da Silva Costa.....55

ÉLISÉE RECLUS E O CÍRCULO DE GEÓGRAFOS ANARQUISTAS (1872 – 1890)¹

José Vandério Cirqueira²

Resumo

O objetivo principal desse trabalho é fazer breve percurso pela vida e obra do geógrafo francês Élisée Reclus, entre os anos de 1872 a 1889, com a intenção de demonstrar seu envolvimento com o movimento anarquista e como o mesmo buscou aproximar essa teoria das liberdades com o pensamento geográfico. A aproximação entre geografia e anarquismo ocorreu devido ao vínculo estabelecido entre Reclus e demais personagens anarquistas de sua época constituindo um círculo de estudos em torno da geografia e do anarquismo comunista.

Palavras-chave: Élisée Reclus. Geografia anarquista. Vida. Obra. Círculo.

¹ Este trabalho faz parte do capítulo 2, intitulado *A formação do pensamento geográfico de Élisée Reclus*, presente na tese *Geograficidade libertária em Élisée Reclus: contribuição heterodoxa à história da geografia*, orientada pelo professor Dr. Eliseu Savério Sposito, defendida em 2015, na UNESP de Presidente Prudente.

² Doutor em Geografia pela UNESP – Presidente Prudente/SP. Professor do IFG – Formosa. Membro do Grupo de Estudos em Ambiente e Sociedade – GEAS. E-mail: vanderioifg@gmail.com

Introdução

Élisée Reclus (1830 – 1905), anarquista e ativista revolucionário que se envolveu com a Comuna de Paris (1871), foi preso e exilado, tendo pena comutada para banimento da França, seguiu essa nova fase da vida na Suíça, lugar e período com intensa vida dedicada ao engajamento político radical e aos estudos geográficos.

O período compreendido entre os anos de 1872 a 1890 na vida de Reclus será marcado pelo envolvimento com o círculo de geógrafos e demais revolucionários de áreas diversas que se dedicaram a estabelecer as bases para uma geografia anarquista comunista, destoando das tradicionais concepções imperialistas do saber geográfico produzido na época.

Descrevendo essa parte da vida de Reclus, o objetivo principal deste trabalho é demonstrar a sua produção intelectual e o seu envolvimento com demais anarquistas da época, que ao criarem uma *intelligentsia* de geógrafos anarquistas, lançaram as bases para a composição dos princípios da geografia anarquista comunista, que por sua vez, ficou parcialmente esquecida no curso da história do pensamento geográfico.

Um segundo exílio e o envolvimento com os anarquistas

Em seu segundo exílio³, agora na Suíça, Reclus passará por este período marcado por ampla produção bibliográfica e retomará também suas relações com os anarquistas, inclusive Bakunin, que reside em Zurique. No mesmo ano que chegou à Suíça nosso geógrafo anarquista firmou contrato com a editora Hachette para finalmente escrever sua *Nouvelle Géographie Universelle*, sua maior obra de geografia, com 19 volumes, e cerca de 900 páginas cada.

³ A vida de Reclus é marcada por três exílios e diversos momentos de perseguição política em virtude de seu envolvimento com os movimentos revolucionários, seja o de 1848, a Comuna de Paris, em 1871 e a I Internacional. Mais detalhes sobre a vida e a obra de Reclus ver Nettlau (1928), Sarrazin (1985) e Giblin (1986).

A Hachette foi convencida pelo argumento de que a Geografia Universal de Malte-Brun já havia sido publicada a mais de 50 anos, necessitando escrever uma nova, com atualizações, mas mantendo o caráter enciclopédico, sendo publicados gradativamente em numerosos pequenos fascículos. Por sua vez, a editora restringiu qualquer vinculação religiosa, política e social da obra, pois, mesmo sabendo da certa notoriedade que Reclus tinha adquirido como escritor de geografia, não aprovava sua relação com o movimento revolucionário anarquista. Mas conforme mostra Ferretti (2011a) em importante tese sobre essa obra de Reclus, com pesquisa ampla e apurada ele confirma que o autor manteve, mesmo diante da censura da Hachette, tom libertário, perfazendo seu percurso anteriormente indicado com *La Terre*, que almejava fazer uma geografia eminentemente anarquista.

Esse período de 1872 a 1890 na vida do geógrafo anarquista será marcado por maior produção teórica em geografia e também maior dedicação teórica ao anarquismo. Depois da torturante prisão resultante do envolvimento com a Comuna de Paris, em 1871, ele vai buscar amadurecer sua noção de anarquismo coletivista, de base bakuniana, se aproximando do que posteriormente ficou conhecido como anarquismo comunista.

O tempo que Reclus ficou exilado na Suíça realizou diversas viagens à Milão e se envolveu diretamente com os internacionalistas italianos, marginalizados da I Internacional Socialista por Marx, além de ter contribuído com a organização e publicação dos manuscritos de Bakunin, iniciando no ano de 1874, que o pediu esse trabalho por estar sentindo grande cansaço de sua vida militante, além de estar visualizando também que sua vida estava chegando ao fim (SARRAZIN, 1985). Logo depois, em 1876 Bakunin veio a falecer. A segunda esposa de Reclus também veio a falecer, só que no ano de 1874, por complicações no parto junto com o filho. Em decorrência dessa tragédia ele se mudou para Vervev, nas proximidades de Genebra, pois necessitava estar próximo de uma cidade de maior tamanho, dotada de boas bibliotecas, ficando também, ativamente integrado ao movimento revolucionário anarquista.

Desse modo, ingressa-se na Federação Juraciana, uma das mais importantes organizações anarquistas da Europa na época, com posicionamento frontalmente contrário ao socialismo liderado pela figura de Marx, que havia

expulsado Bakunin da Internacional em 1872, os anarquistas italianos e os confederados do Jura (como ficou conhecida essa federação suíça) em 1873.

Esse período conflituoso no seio das ideias revolucionárias e a forma como ocorreu essa cisão no interior do movimento dos trabalhadores promoveu profunda distinção entre os socialistas autoritários e os socialistas libertários. Esse cisma, alimentado por divergências ideológicas e metodológicas da luta política, configurará grande fragmentação no movimento revolucionário, separando entre dois polos opostos os ativistas radicais da época.

Para criar um anarquismo comunista

No interior da Confederação do Jura Reclus encontrará terreno satisfatório para multiplicar suas produções e especulações teóricas sobre o anarquismo, produzindo juntamente com James Guillaume, Carlo Cafiero e Piotr Kropotkin o que posteriormente ficou conhecido como Anarquismo Comunista, conforme destaca Nettlau (2008, p. 188), na qual,

Kropotkin entendeu-se, então, com Dumartheray e com Herzig do grupo de Genebra, depois com Reclus e com Cafiero – provavelmente entre julho e setembro de 1880 – para propor à Federação jurassiana que aceitasse em seu congresso (9 e 10 de outubro) o comunismo anarquista: o que foi feito. [...] Cafiero pronunciou o discurso “Anarchie et communisme”. Kropotkin e Reclus difundiram a ideia anarco-comunista em inúmeros discursos, e o congresso a adotou. [...] Este termo *comunista anarquista* disseminou-se rapidamente na França. Um cartaz de janeiro de 1881 menciona: *Communismo libertário e anarquista*.

Em outro trabalho, Nettlau (1928), ao desenvolver importante biografia de Reclus, buscou definir quatro grandes momentos que marcaram a evolução da sua concepção de anarquia: a primeira fase ocorreu quando Reclus escreveu o manuscrito entre 1849 e 1851, intitulado de *Desenvolvimento da Liberdade no Mundo*, e aqui, definimos essa fase de anarquia metafísica; o segundo momento foi em virtude do discurso pronunciado em 1868 no Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, em Berna, intitulado de *Federalismo e Divisões Territoriais*, ocasião em que

se aderiu ao federalismo coletivista bakuniano; no terceiro momento, frente ao artigo publicado em 1873 no *L'Almanach du Peuple*, cujo título *Quelques Mots sur la Propriété*, Reclus irá entrar na frase transicional entre o coletivismo e o comunismo; e na última fase, o anarquismo comunista, que irá defender até o final da vida, o marco é o discurso pronunciado em 18 de fevereiro de 1876 em Berna, onde pela primeira vez define seu anarco-comunismo ou socialismo libertário, como marco da cisão com o socialismo autoritário.

O primeiro encontro de Reclus com Kropotkin ocorrerá em fevereiro de 1877, na cidade de Vevey. Este encontro consolidou em uma profunda amizade, ainda mais em virtude de Kropotkin também ser geógrafo, com grande habilidade nos assuntos relacionados a geografia física. “L’amitié entre Reclus et Kropotkine s’est nourrie d’estime réciproque; ces sentiments, au cours de leur vie, ne se sont jamais démentis”⁴ (SARRAZIN, 1985, p. 177).

Os dois irão desenvolver as bases fundadoras da geografia anarquista e introduzirão no anarquismo o discurso geográfico, pela entrada aberta pela *episteme* comunista, ao considerarem como preponderantes os assuntos vinculados ao federalismo e as questões das fronteiras, conflitos e enfrentamentos ao poder estatal. Além disso, evidenciaram a constituição de pesquisas sobre as comunas e suas organizações autonomistas de governabilidade libertária, introduziram ainda no anarquismo a preocupação com as questões urbanas, a separação dos homens e as questões industriais, e de tal modo deram forte ênfase às questões agrárias e a luta campesina, principalmente pelos trabalhos de Kropotkin (1892, 1910) intitulados *Champs, Usines et Ateliers* e *La Conquête du Pain*.

Segundo Lourenço e Buen (1986), Reclus e Kropotkin iniciarão juntos o desenvolvimento de um trabalho restrito às questões metodológicas e epistemológicas da geografia, que iriam chamá-lo de *Esboços Geográficos*, mas infelizmente esse projeto nunca foi concluído. Por outro lado, a colaboração de Kropotkin com o geógrafo francês foi considerável, pois ele revisou diversas partes relacionadas à geografia física de *Nouvelle Géographie Universelle*, escreveu grande parte do volume dedicado à Rússia e aos países asiáticos e contribuiu

⁴ “A amizade entre Reclus e Kropotkin se nutriu de estima recíproca; estes sentimentos, no curso de sua vida, jamais serão abalados”.

enormemente com dados técnicos e experiências que Kropotkin fez nos países submetidos aos climas frios e polares, em especial à região da Sibéria.

Ce volume, le sixième de la *Nouvelle géographie universelle*, n'est signé que d'un seul nom et n'a été rédigé que par une seule personne; mais, comme les précédents, il appartient, pour une honne part, à des collaborateurs, que je tiens à remercier de leur précieux concurs. M. Kropotkin surtout peut revendiquer bien des pages de ce livre. Faisant revivre pour moi le souvenir de ses explorations géologiques dans la Sibérie orientale et dans la Mandchourie, el m'a comunique ses notes et ses observations et m'a indique, ce qu'il pouvait mieux que personne, la valeur relative des mémoires insérés dans les publications scientifiques russes ⁵ (RECLUS, 1881, p. 893).

Quando Kropotkin criou o periódico *La Révolte* em Genebra, que após sua prisão foi fechado e depois reaberto, passando-se a denominar de *Le Révolté*, Reclus contribuiu intensamente com a produção de textos anarquistas, traduções de diversos idiomas de outras produções libertárias e, por um tempo, coordenou a revista no período em que Kropotkin foi preso, recolhendo diversos textos do geógrafo anarquista russo para os congregarem no livro *Palavras de um Revoltado* (KROPOTKIN, 2005).

O círculo de geógrafos anarquistas

Reclus convidou o grande cartógrafo, também anarquista internacionalista Charles Perron, estabelecido em Genebra, para desenvolver todos os inúmeros mapas e cartas topográficas contidos em sua geografia universal. Além dele

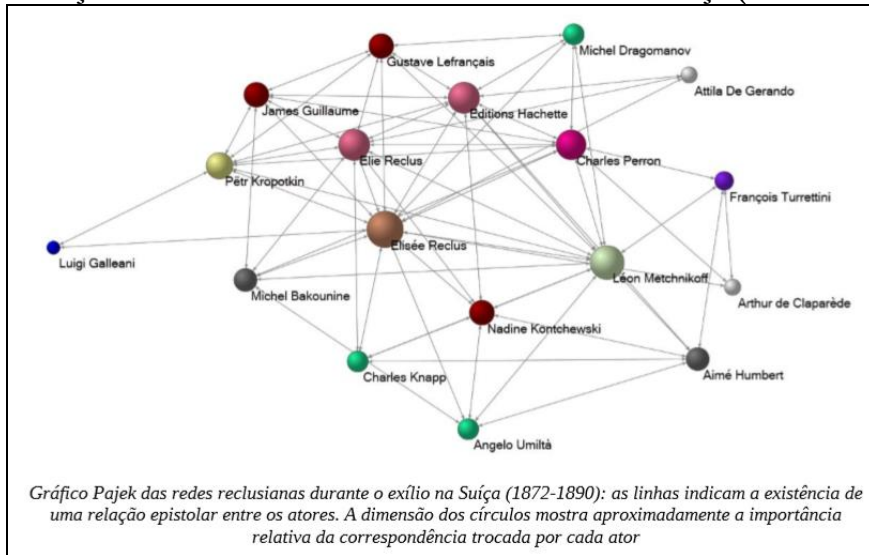
⁵ Este volume, o sexto da *Nouvelle géographie universelle*, não destacou somente um único nome e nem foi redigido por apenas uma única pessoa; mas, como os precedentes, ele constitui, em uma honrosa parte, a seus colaboradores, que tenho que agradecer-los por suas preciosas contribuições. O senhor Kropotkin, sobretudo pode reivindicar boas páginas deste livro. Fazendo-me reviver a lembrança de suas explorações geológicas na Sibéria oriental e na Manchúria, ele me comunicou suas notas e suas observações e me indicou que poderia melhor que minha pessoa dar o valor relativo das memórias inseridas nas publicações científicas russas.

contratou também um assistente para ajudar levar para frente esse enorme projeto de geografia, Gustave Lefrançais, que depois foi substituído pelo viajante explorador e geógrafo Metchnikoff, que não largou mais ele até os últimos trabalhos. Este russo anarquista participou da expedição de Mille, em companhia de Garibaldi, além de ter viajado pelo Extremo Oriente, vivendo bom tempo no Japão, contribuindo enormemente com os fascículos dedicados ao Japão e os outros países do extremo oriente, pois era grande conhecedor dessa região, conforme destaca Pelletier (2007).

Além do periódico agora denominado de *Le Révolté*, coordenado por Kropotkin, o periódico *Le Travailleur*, coordenado por Reclus e Perron, serão espaço de construção geográfica libertária, seguindo aquela máxima reclusiana de fazer geografia com anarquia e anarquia com geografia. Reclus obteve a contribuição de outros anarquistas para qualificar mais ainda o trabalho de *Nouvelle Géographie Universelle*, como os nomes de Dragomanov, junto com Lefrançais e Desjardins, conforme já foi citado, trabalhavam contribuindo com a correção da monumental geografia universal e no periódico *Le Travailleur*, como também, Slomezynski, que se encarregava de produzir os mapas da região do Cáucaso, Oriente Próximo e Médio, pois as conhecia muito bem.

Ou seja, a geografia anarquista de Reclus estava sendo feita em meio a uma *intelligentia* marginal anarquista, de diversificada composição acadêmica, como geógrafos, sociólogos, historiadores e cartográficos, mas alinhada ao anarquismo comunista em voga, nos círculos marginais heterodoxos de Genebra e do Jura, conforme representa o fluxograma (ilustração 1) desenvolvido por Ferretti e Pelletier (2013). É importante observar também os outros nomes que figuram como: Bakunin, Élie Reclus, Aimé Humbert, Attila de Gérando e Dragomanov como outras importantes contribuições desse círculo libertário.

Ilustração 01: As redes reclusianas durante o exílio na Suíça (1872 – 1890)



Fonte: FERRETTI, F., PELLETIER, P. Indígenas do Universo: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff. **Revista Território Autônomo**, nº 2. Outono de 2013, p. 5 - 16.

Esse inovador círculo de debates e de práticas políticas, essa espécie de *intelligenstia* geográfica anarquista, é singular em decorrência de ter introduzido o saber geográfico em sua agenda, fato inaceitável em qualquer círculo de discussões revolucionárias de cunho socialista, sempre foram mais inclinados aos estudos da história e das ciências sociais, econômicas e políticas. Esse período de exílio na

Suíça será o mais rico na formação do pensamento geográfico de Reclus, e também na sua anarquia, fundamento moral e político de sua geograficidade.

Entre viagens e um escrita geográfica engajada e original

Outro elemento diferencial desse período está ligado às diversas outras viagens que Reclus teve que realizar para cumprir com qualidade sua geografia universal, que por sua vez, induziram a proliferação de suas atividades pedagógicas. Esse campo de estudo continuamente presente no pensamento reclusiano merece maiores pesquisas acadêmicas, principalmente sobre a forma como ele define o ensino de geografia, mais significativamente em virtude da emergência de temas ambientais e ecológicos, por ele negar toda essa vulgarização e insuficiência crítica libertária que distingue o social do ambiental.

Em suas viagens por Londres, Bruxelas e Estocolmo, e pelos países: Austrália e Hungria, por exemplo, Reclus foi passando e ministrando diversos cursos, que buscou classificá-los de *geografia comparada no espaço e no tempo* (RECLUS, 2010b). É o caso de Genebra, na Universidade de Neuchâtel, que também discorreu conferências de geografia, conforme explicou a seu amigo Gérando em carta de 15 de fevereiro de 1876, na qual disse que, quando passava “quelques jours à Genève où la municipalité m’a demandé de faire un cours. J’ai choisi pour sujet de mes conférences ‘la Méditerranée et les Peuples de son bassin’. C’est un cours de géographie appliquée à l’histoire”⁶ (RECLUS, 1911, t. II, p. 177).

Sempre combatendo os manuais de geografia e almejando uma geografia cada vez mais vivaz e instigante, que leve o indivíduo ao descobrimento e ao questionamento da complexidade do mundo, Reclus (1911, t. II, p. 183) faz forte crítica ao senhor Drapeyron, fundador da *Revue de Géographie*, dizendo que seu ponto de partida ao ensino de geografia é muito mal selecionado, pois começa pela topografia e não pela cosmografia, isso é, ele compreende a ciência de maneira estreita, pois

⁶ “alguns dias em Genebra onde nessa municipalidade solicitou-me a necessidade de dar um curso. Escolhi como sujeito de minhas conferências ‘o Mediterrâneo e os Povos de sua bacia’. É um curso de geografia aplicada à história”.

La vie ne s'accommode pas de ces modes arbitraires d'enseignement. Or la science doit être un chose vivant; sinon, elle n'est qu'une misérable scolastique. Comme une plante qui va puiser au loin sa nourriture par toutes ses racines aussi bien que par les pores de ses feuilles, la géographie doit commencer par tout à la fois: cosmographie, histoire naturelle, histoire, topographie. La nature ambiante est une immense synthèse qui se présente à nous dans tout son infini et non partie par partie, à nous de distinguer peu à peu les éléments divers de cet ensemble confus en apparence. C'est ainsi que l'enfant, se servant de tous ses sens à la fois, apprend peu à peu à reconnaître tout ce qui l'entoure. Le grand art du professeur, qu'il soit professeur de géographie ou de toute autre science, est précisément de savoir montrer tout dans tout et de varier à l'infini les points de vue, afin de tenir toujours l'esprit en éveil et de lui faciliter inoessamment de nouvelles conquêtes.⁷

Esse fértil período na Suíça possibilitará na produção de 15 do total de 19 volumes de sua *Nouvelle Géographie Universelle*, obra que porta importantes contribuições ao saber geográfico, realiza o trabalho de atualização dos estudos científicos da época, goza de categorizada distribuição de análises e de informações, além de ter em seu discurso a permanência heterodoxa da análise libertária, principalmente no campo da abordagem da geografia política de todas as partes do mundo, traço principal desta obra. Por sua vez, não foi escrita com linguagem inacessível, tautológica, ou tomada de academicismo retórico, mas com linguagem simples, envolvente e clara, na qual Reclus almejava que ela chegasse a maior quantidade de pessoas possível, principalmente como forma de desvendamento do espaço, na relação da terra com os homens, para os

⁷ A vida não se acomoda nestes modos arbitrários de ensino. Porém, a ciência deve ser uma coisa vivaz; senão, ela é somente uma miserável escolástica. Como uma planta, que vai buscar longe seu alimento por todas as suas raízes, assim como pelos poros de suas folhas, a geografia deve começar por toda parte ao mesmo tempo: cosmografia, história natural, história, topografia. A natureza ambiente é uma imensa síntese que se apresenta a nós em toda sua totalidade e não parte por parte, a nossa tarefa é distinguir pouco a pouco os elementos diversos deste conjunto confuso em evidência. É assim que a criança, se servindo de todos seus sentidos ao mesmo tempo, aprende pouco a pouco reconhecer tudo isso que a envolve. A grande arte do professor, que seja professor de geografia ou de qualquer outra ciência, é precisamente saber mostrar tudo em tudo e de variar ao infinito os pontos de vista, a fim de ter sempre o espírito alerta e de facilitar-lhe sem embaraço novas conquistas.

trabalhadores que estavam engajados na luta social. Por isso foi publicada em pequenos fascículos, custando um preço irrisório, conseguindo chegar às mãos das organizações de trabalhadores ácratas que a utilizavam como importante fonte de desvendamentos das máscaras sociais e do poder no território, conforme descreve Ferretti (2013).

Além de ter se envolvido com a produção de sua mais extensa obra dedicada a descrição universal da Terra pela geografia, Reclus produziu também diversos outros trabalhos menores, como artigos e conferências, conforme pode ser notado no anexo 01. Quando ainda estava preso publicou alguns trabalhos relacionados à luta pela democracia (nº 83 do anexo 01) e a temas abolicionistas penais (nº 85), sendo este marcado por empolgante posicionamento ácrata sobre as prisões e as penas de morte. Neste curto escrito intitulado de *Pena de Morte*, Reclus (2011b, p. 93) logo no início afirma que “a origem da pena de morte, tal como atualmente é aplicada pelos Estados, é decerto a vingança, a vingança sem medida, tão terrível quanto possa inspirá-la o ódio”. Consequentemente, esse ódio e essa vingança reproduzem-se, da mesma forma em que mostrou Foucault (1987), empossado de momentos libertários, na qual investigou os males do controle e da punição transfigurados nas prisões castigadoras, Reclus (2011b, p. 96) argumentou de forma semelhante que “é em torno dos cadafalsos e nas prisões que se formam os assassinos e os ladrões. Nossos tribunais são escolas do crime”. Para ele, a solução reside na justiça social, na ampla distribuição de renda, pois “ao direito da força, que prevalece na natureza selvagem, é tempo de fazer suceder a justiça, que é o ideal de todo homem digno desse nome” (RECLUS, 2011c, p. 99).

A editora Hachette publicou o primeiro volume da síntese de *La Terre*, que ficou intitulado como *Les Phénomènes Terrestres*, que de síntese tem muito pouco, além de ter ocorrido diversas publicações em outras línguas de seus trabalhos. Mas em 1872, quando saiu da prisão, o geógrafo anarquista publicou excelente trabalho em defesa dos camponeses, com contribuição pouco aproveitada pela geografia agrária radical de base marxista, denominado de *A Mon Frère le Paysan*. Neste paradigmático artigo, publicado no periódico *Les Temps Nouveaux*, de suma importância para a geografia agrária hoje, Reclus (2011a, p. 83 e 91) vai buscar demonstrar o quanto mantém sua adesão em defesa da revolução social pela luta de classe ao evocar seus irmãos camponeses para a luta.

Evitai essa morte a qualquer preço, camaradas. Conservai com desvelo vossa terra, vós que tendes um pedaço; ela é vossa vida e aquela da mulher, dos filhos que amais. Associais-vos aos companheiros cujas terras estão ameaçadas como a vossa pelos usineiros, pelos amantes da caça, pelos agiotas; esquecei todos os vossos pequenos rancores de vizinho a vizinho, e agrupai-vos em comunas onde todos os interesses sejam solidários, onde cada tufo de grama tenha todos os comunais por defensores. [...] Com essas pessoas, atacareis, derrubareis as muralhas desses domínios; com elas, fundareis a grande comuna dos homens, onde trabalhareis de concerto para vivificar o solo, embelezá-lo e viver felizes sobre essa boa terra que nos dá o pão.

No mesmo ano publicou seu *Quelques Mots sur la Propriété*, trabalho que marcou a fase transicional entre anarco-coletivismo e anarco-comunismo, ensejando vetores de amadurecimento da concepção anarquista reclusiana permeada pelo discurso geográfico. Já no ano de 1894, o trabalho número 223, do anexo 1, será publicado com título quase homônimo, seu *Quelques mots d'histoire*, outro também paradigmático artigo de incrível texto, em que é abordada as transformações históricas do espaço geográfico, antecipando o debate espaço-temporal, do meio técnico e do sistema-mundo. Neste texto, Reclus (2010a, p. 80) evidencia os sintomas do processo de uniformização das culturas e da integração dos espaços pelos níveis técnicos, na qual a civilização estava caminhando para “fusão das histórias locais em história universal” e a diluição das fronteiras, universalizando os espaços e os tempos, conforme pode ser notado no trecho abaixo.

Agora a história é aquela do mundo inteiro: ela desenvolve-se em torno de Seul e nas margens do golfo Petchili, nas florestas profundas do Congo e nos planaltos abissínios, nas ilhas de Sonda e nas Antilhas bem como em todos os lugares famosos outrora considerados como os “umbigos” do grande corpo terrestre. [...] Só em nossos dias a história pode dizer-se “universal” e aplicar-se a toda a família dos homens. [...] As fronteiras convencionais, sempre incertas e flutuantes, apagam-se gradualmente, e, sem desejá-lo, o patriota mais ardente torna-se cidadão

do mundo: malgrado sua aversão pelo estrangeiro, malgrado a aduana que o protege contra o comércio com o exterior, malgrado os canhões afrontados dos dois lados da linha-tabu, ele come o pão que lhe vem da Índia, bebe um café colhido por negros ou malaaios, veste-se com tecidos feitos com a fibra enviada da América, utiliza invenções devidas ao trabalho combinado de mil inventores de todos os tempos e de todas as raças, vive sentimentos e pensamentos que milhões de homens vivem com ele de uma extremidade à outra do mundo (RECLUS, 2010a, p. 81).

Em 1873 saíram outros trabalhos reclusianos relacionados estritamente à geografia em renomadas revistas especializadas, e um sobre o internacionalismo na revista *Almanach du "Peuple"*, importante periódico Internacionalista libertário. Em 1876 foi publicado o primeiro volume de *Nouvelle Géographie Universelle*, diversos outros trabalhos especializados entre os anos de 1873 e 1877, além de artigos ácratas. O ano de 1878 representa o caráter heterodoxo da produção teórica de Reclus, com trabalhos sínteses sobre a anarquia, no exercício de evolução e organização dessa forma política de ver a sociedade, como exemplo de: *A Propos de L'Anarchie* e *L'évolution Légale et L'Anarchie*, os dois no periódico socialista libertário *Le Travailleur*. Por outro lado, importantes trabalhos críticos da noção de oriente (nº 120) e à geografia política nos estados Unidos (nº 121).

Em 1880 é importante mencionar três trabalhos de Reclus que compuseram esse movimento de formação ininterrupto de seu pensamento: a conferência *Évolution et Révolution*, e o artigo da imprensa juraciana e da revista *Le Révolté: Ouvrier, Prends la Machine! Prends la Terre, Paysan!*, e o livro *Histoire d'une Montagne*. Os dois primeiros artigos são fundamentos do anarquismo comunista, sendo o primeiro uma resposta de Reclus ao que ele entende por Revolução, como a evolução é fundamental a esse processo e como a luta restrita somente a evolução limita a revolução social, pois se converte em evolucionismo.

Ele mostra que a necessidade de cautela, de organização e ao mesmo tempo da espontaneidade e do espírito de revolta são fundamentais para que se alcance a revolução social, podendo fazer um esforço de aproximação ao que Camus (2003) definiu, cinquenta anos mais tarde, como *medida e desmedida*, ressaltando, claramente, que o escritor e filósofo franco-argelino negava a ideia de revolução, por se posicionar em favor exclusivamente da revolta.

Essa conferência do geógrafo francês sobre evolução e revolução se transformará mais tarde em importante livro de Reclus (2002), denominado de *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*, trabalho em que demonstra maior maturidade no que diz respeito à luta revolucionária, faz interessante distinção entre evolução e evolucionismo darwiniano, e mostra a necessidade de valorizar o ideal comunalista do anarquismo, rompendo com certos elementos do coletivismo bakuniano.

Já no artigo número 131 (anexo 01), Reclus convoca tanto os operários da indústria como os camponeses a lutarem contra o modelo capitalista explorador. Ele defende a profunda ligação entre operariado e campesinato, hoje tão reivindicada, mas que antes foi profundamente descaracterizada, em virtude de a geografia marxista ter abdicado dessa integração clássica, pois alinhada ao marxismo mais ortodoxo, via no campesinato uma espécie de pequena burguesia, culminando na perseguição operada por Lenin e o posterior governo soviético, à revolução social na Ucrânia construída por Nestor Mackno (2001), por exemplo, que era eminentemente libertária e camponesa e foi expressamente aniquilada pelo regime totalitarista da União Soviética.

Em *Histoire d'une Montagne*, excelente trabalho que apresenta a montanha como protagonista e sua relação com o ser humano que dela vive, Reclus segue a mesma metodologia da *Histoire d'un Ruisseau*, obra de 1869, na qual o autor também abordou história do fenômeno físico da gota até a foz. De forma semelhante, a história de uma montanha também será direcionada ao ensino de geografia, com a proposta de lançar o aluno sobre o universo complexo e dinâmico de uma estrutura geológica tão imponente, demonstrando as diversas geografias impressas nos degraus de altitude da montanha, da base até o cume.

Quase ao mesmo tempo em que Reclus (1882) leva seu homem para a montanha, Nietzsche (2011) leva o Zaratustra também para lá, mas de forma diferente. É importante destacar que, *Histoire d'une Montagne* foi publicada primeiramente em 1880, e *Assim Falou Zaratustra*, em 1883. Na obra de Reclus encontra-se profunda consideração sobre essa forma geográfica, sua dinâmica, sua força, sua atuação enquanto provedora de geografia singular, e mostra as formas de vida dessa configuração física, e ainda explicita como o homem inter-

relaciona com suas leis, e como ele se engrandece, se reencontra consigo mesmo, para no final, retornar ao mundo da urbanidade.

De forma semelhante ao Zaratustra, o homem de Reclus também se encontrava triste e foi buscar na reclusão da montanha formas de reconciliar consigo mesmo, com a natureza e com o mundo, almejando reconstruir sua consciência do eu-no-mundo, negando a hipocrisia de diversos valores morais, as mazelas e a dissolução que a sociedade embrutecida operava na autonomia do indivíduo de espírito livre. Ainda no plano de comparação com o Zaratustra, o homem de Reclus também retorna da montanha profundamente feliz e transformado.

J'étais triste, abattu, las de la vie. La destinée avait été dure pour moi, elle avait enlevé des êtres qui m'étaient chers, ruiné mes projets, mis à néant mes esperances [...]. L'humanité tout entière, avec ses intérêts en lutte et ses passions déchaînées, m'avait paru hideuse. Je voulais à tout prix m'échapper, soit pour mourir, soit pour retrouver, dans la solitude, ma force et le calme de mon esprit⁸ (RECLUS, 1882, p. 1).

Mas esse importante livro de Reclus não é marcado somente por linguagem figurada e de certa forma literária, ou possivelmente filosófica, ao passo que busca debater a condição humana frente sua relação com o mundo. É um texto que merece grande atenção pela geografia, merece ser revisto e melhor trabalhado no ensino de geografia em decorrência de apresentar profunda análise física da montanha, perpassando por considerações geológicas, geomorfológicas, a conformação estrutural do acidente geográfico em questão, a dinâmica hídrica que dela se forma. Além disso, e o mais importante, discute os diferentes gêneros de vida que se formam diante e sobre as montanhas, identificando as diferenças entre os grupos humanos postados nos degraus de uma altitude para a outra, na qual muda a forma de cultivo e a criação de animais, até mesmo a relação com o mundo da não montanha e seus condicionamentos políticos e sociais do espaço plano.

⁸ Eu estava triste, abatido, cansado da vida; o destino havia sido duro comigo, arrebatando-me seres que me eram queridos, arruinando meus projetos, aniquilando minhas esperanças [...]. A humanidade inteira, com a luta de seus interesses e suas paixões desenfreadas, me parecia hedionda. Queria escapar a todo custo, para morrer, para recobrar na solidão, minhas forças e a tranquilidade de meu espírito.

Reclus vai buscar esse profundo conhecimento e transformá-lo nesse livro, em virtude da larga experiência que teve como montanhista, seu esporte predileto, que acreditava ser necessário para todas as pessoas que buscavam melhorar enquanto seres humanos, conforme destaca em *Do Sentimento de Natureza na Sociedade Moderna* (RECLUS, 2010c), além de seu forte envolvimento com os revolucionários montanhistas que viviam na região do Jura, na Suíça, momento que conseguiu aliar luta política com experiência natural, conformando sua singular forma de pensamento geográfico.

Este pequeno livro é constituído de doze capítulos, com cerca de duzentas páginas no total, abordando desde o exílio do homem para a montanha, como as várias formas geológicas, os cumes, os vales, a estrutura mineralógica das rochas, além de demonstrar como a montanha origina-se, se forma e se desenvolve e como ela se transforma através dos processos erosivos e os movimentos de massa.

Ainda está expresso nesse modesto livro considerações sobre os regimes hidrológicos e o sistema das neves na montanha, a variabilidade da vegetação que se desenvolve em decorrência da altitude, da inclinação, do clima e da qualidade do solo, como consequência disso, as formas de vida típica desse fenômeno geográfico, os escalonamentos climáticos e os gêneros de vida humanos que deles coexistem, além de um capítulo especialmente dedicado ao montanhês livre, evocando a relação transcendental entre a liberdade do homem e a natureza, principal responsável para essa condição autonomista do espírito livre.

No final, não satisfeito, Reclus dedica a conclusão do livro para o tema do homem, fechando o ciclo com seu retorno a superfície exterior desse microcosmo significativo, demonstrando como esse discreto escrito é uma extraordinária aula de geografia, porque aborda diversos temas, conceitos e fenômenos geográficos usando somente um único elemento material e simbólico: a montanha.

No plano epistemológico e metodológico Reclus se utilizará da corografia de Humboldt, seguindo a metodologia holística do micro ao macro, sob o viés teórico do romantismo amalgamado à metafísica da natureza e dos humanos. Comparou o fragmento de rocha da montanha e seu processo de formação à dimensão do cosmo, buscando demonstrar que na lógica cósmica essencialmente complexa congregam-se todas as relações dinâmicas da *physis*, sendo o ser humano a natureza autoconsciente dessa universalidade transcendental, mas que nele reside

todo o fundamento da imanência existencial, por estar sempre apregoada da realidade material cósmica, demonstrando a necessidade de superação da transcendentalidade kantiana na geografia que herdou de Ritter e de Humboldt pela imanência materialista das relações humanas com o meio.

Ainsi, jusque dans sa plus petite molécule, la montagne énorme offre une combinaison d'éléments divers qui se sont mélangés en proportions changeantes; chaque cristal, chaque minéral, chaque grain de sable ou parcelle de calcaire, a son histoire infinie, comme les astres eux-mêmes. Le moindre fragment de roche a sa genèse comme l'univers; mais, tout en s'entraidant par la science les uns des autres, l'astrologue, le géologue, le physicien, le chimiste, en sont encore à se demander avec anxiété s'ils ont bien compris cette pierre et le mystère de son origine⁹ (RECLUS, 1882, p. 39).

De 1882 a 1889 Reclus publicou novos artigos em periódicos especializados em geografia como também outros em periódicos anarquistas. Mas os trabalhos que mais merecem destaque são *Les Produits de la Terre* (nº 155), da federação do Jura, e *Les Produits de L'Industrie* (nº 171), no periódico *Le Révolté*. Todos esses dois trabalhos, dentre muitos outros, conforme será destacado à frente, são exemplos básicos de composições anarquistas da geografia, e também são iniciais apresentações de geografia anarquista.

Já os trabalhos *À Propos d'une Carte Statistique* (nº 181) e *Australasia* (nº 177) são importantes contribuições sobre a definição de parâmetros metodológicos de representação espacial e da regionalização do globo, como diversos outros trabalhos dedicados ao que se convencionou chamar de monografias regionais, abordando regiões da África, Ásia, extremo norte da Europa (exemplos dos trabalhos de número 120, 136, 138, 175 e 176 no anexo 01).

⁹ Assim, até na sua menor molécula, a enorme montanha oferece uma combinação de elementos diversos que se misturaram em proporções transformadoras; cada cristal, cada mineral, cada grão de areia ou fragmento de calcário tem sua história infinita, como os astros em si mesmos. O menor fragmento de rocha tem sua gênese como a do universo; mesmo, toda a ciência cooperando entre si, a astrologia, a geologia, a física, a química, elas estão ainda se perguntando ansiosas se têm satisfatoriamente compreendido esta pedra e o mistério de sua origem.

Em 1882 é iniciada forte repressão contra os anarquistas em decorrência de ter ocorrido alguns atentados e conflitos que tentavam confrontar a situação de crise econômica que a Europa estava vivendo, principalmente no campo da indústria e da agricultura. Mais de sessenta anarquistas foram presos e condenados, Reclus e Kropotkin saíram em defesa desses irmãos de luta, e por isso, foram acusados de mentores e chefes desse movimento rebelde. Kropotkin foi expulso da Suíça e depois foi preso em 21 de dezembro, e sentenciado a cinco anos prisão. Reclus foi ameaçado novamente de prisão, mas continuou denunciando os abusos de autoridade e os horrores da repressão estatal.

Para amenizar a pressão que estava sofrendo foi forçado pela editora Hachette a fazer novas viagens, assim viajou pelo Egito, Tunísia e Argélia, onde passou a voltar diversas vezes, pois sua filha mais velha residia lá. Em 1885 ele viajou para Istambul, percorreu diversas partes da Ásia Menor e atravessou a Hungria, onde se encontrou com seu amigo Attila de Gerando, húngaro e grande colaborador dos seus trabalhos de geografia sobre a região. Na mesma época Élisée preparou o volume sobre a África e América do Sul. Frequentou assiduamente a biblioteca de Lisboa, Madrid e Barcelona, e aproveitou para encontrar com companheiros ibéricos. Em 1886 passou por Nápoles, andou pelo leste europeu, e chegou em 1889 nos Estados Unidos, para sua segunda visita, e no Canadá, onde admirou o grau de transformação do espaço desses novos mundos. Absorveu muitas informações na biblioteca dos Estados Unidos, retornando com alegria a visitar o lugar em que viveu em 1855.

Conclusão

É possível notar que entre os anos de 1872 a 1889 a vida de Reclus esteve envolvida por intensa atividade de pesquisa, teórica e de produção científica. Ao mesmo tempo, no mesmo período o geógrafo revolucionário se envolveu com diversas manifestações radicais da época. Mas o fator que melhor deve ser destacado é seu envolvimento com inúmeros nomes de anarquistas, que imbuídos pela causa revolucionária, também se prontaram em produzir uma geografia

engajada, que destoasse das tradicionais escritas nacionalistas, a serviço dos Estado-Nações.

Referências Bibliográficas

CAMUS, A. **O homem revoltado**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERRETTI, F. Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas entre ciência e militância. **Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo**. 11 a 14 de novembro de 2013. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2013.

FERRETTI, F. **L'Occidente di Élisée Reclus: l'invenzione dell'Europa nella Nouvelle Géographie Universelle (1876-1894)**. Tesi (Dottorato di ricerca in Storia e Geografia d'Europa). Universités de Bologne - Almamater Studiorum et Paris 1 Panthéon – Sorbonne. Dipartimento di Discipline Storiche, Antropologiche e Geografiche; UMR 8504 Géographie-Cités, Equipe E.H.GO Épistémologie et Histoire de la Géographie. Paris: Sorbone, 2011, 560 f.

FERRETTI, F., PELLETTIER, P. “Indígenas do universo”: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff. **Revista Território Autônomo**, nº 2, Outono de 2013, p. 5 - 16.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: História das violências nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIBLIN, B. Introducción y selección de textos. In.: RECLUS, E. **El hombre y la tierra**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

KROPOTKIN, P. **Champs, usines et ateliers**. Ou l'industrie combinée avec l'agriculture, et le travail cerebral avec le travail manuel. Paris: STOCK, 1910.

KROPOTKIN, P. **La conquête du pain**. Paris: Tresse; Stock, 1892.

KROPOTKIN, P. **Palavras de um revoltado**. São Paulo: Ícone. Imaginário, 2005.

LOURENÇO, A.; BUEN, O. de. La geografía de un anarquista. In.: RECLUS, E.

- El hombre y la tierra.** 8 vol. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, 34 pgs.
- MAKHNO, N. **A revolução social na Ucrânia.** São Paulo: Imaginário. Nu-Sol, 2001.
- NETTLAU, M. **Eliseo Reclus (1830 – 1905): la vida de un sábio justo y rebelde.** Barcelona: Biblioteca de la Revista Blanca, 1928.
- NETTLAU, M. **História da anarquia.** Das origens ao anarco-comunismo. São Paulo: Hedra, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PELLETIER, P. La grande séparation à reabsorber et l'occident vus par Élisée Reclus. In.: ARNAU, X. et. al. (éds.). **Ciència i Compromís Social. Élisée Reclus (1830 – 1905) i la Geografia de la Libertat.** Barcelona: Publicaciones de la Residència D'Investigadors, 2007, p. 51 - 92.
- PINTO, J. V. C. **Geograficidade libertária em Élisée Reclus:** contribuição heterodoxa à história da geografia. Tese (doutorado) geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Faculdade de Ciência e Tecnologia – FCT. Presidente Prudente: UNESP, 2015, 527 f.
- RECLUS, É. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista.** São Paulo: Imaginário, 2002.
- RECLUS, É. A meu irmão camponês. In.: COÊLHO, P. A. **Élisée Reclus – Anarquia pela educação.** São Paulo: Hedra, 2011a, p. 81 - 91.
- RECLUS, É. A pena de morte. In.: COÊLHO, P. A. **Élisée Reclus – Anarquia pela educação.** São Paulo: Hedra, 2011b, p. 93 – 99.
- RECLUS, É. **Algumas palavras de história.** São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010a.
- RECLUS, É. **Correspondance.** Octobre 1870 – Juillet 1889. Tome 2. Paris: Librairie Schleicher Frères, 1911.

RECLUS, É. **Da ação humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo.** São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010b.

RECLUS, É. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas.** São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010c.

RECLUS, É. **Histoire d'une montagne.** Paris: Bibliothèque d'éducation et de récréation, 1882.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 6. L'Asie Russe. Paris: Hachette, 1881.

RONCO, D. **Bibliografia di Élisée Reclus.** (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).

SARRAZIN, H. **Élisée Reclus, ou, la passion du monde.** Paris: La Découverte, 1985.

Anexo 1

Obras de Reclus publicadas entre os anos de 1870 e 1889

1870	83. A tous les Démocrates [firmato: P. Lacombe, J. Toussaint, É. R., A. Léo]. In: L'Agriculteur : journal du dimanche (Paris).	1882	135. L'Anarchie et le suffrage universel. In: Le Révolte (Paris), a. 3, n. 24, pp. 1-2.
	84. Nice, Cannes, Antibes, Monaco, Menton, San Remo. Paris, Libr. de L. Hachette et Cie [1872; 1874 2].		136. The Earth and its inhabitants . New York, Appleton, 1882-1895 [1886-1898].
	85. La peine de mort: conférence faite à une réunion convoquée par l'Association ouvrière de lausanne. Genève, Éd. du Révolté.		137. [Letter to Lucien-Victor Meunier]. In: Liberty (Boston), (25 nov.).
1871	87. La Comune di Parigi. Milano, Libreria Editrice Sociale.	1882	138. Scandinaves (États): Suède, Norvège, Danemark . In: Dictionnaire pédagogique de Buisson , pp. 1991-1995.
	88. The Earth: a descriptive history of the phenomena of the life of the globe. New York, G.P. Putnam; London, Chapman & Hall.		139. Unions libres [in coll. con Elie Reclus]. Paris, Typ. G. Chamerot.
	89. The Earth: a descriptive history of the phenomena of the life of the globe. New York, Harper & Brothers [1872 2; 1873 3; 1879 4].	1883	140. Le gouvernement et la morale . In: Le Révolte (Paris), a. 4 (6 janv.), n. 23, p. 1.
1872	90. A mon frère le paysan . Genève,	1884	141. Anarchy by an anarchist. In: Contemporary Review, vol. 45, pp.

	Impr. des Eaux-Vives.		627-641.
	91. Les phénomènes terrestres. II. Les mers et les météores. Paris, Libr. de L. Hachette et Cie [1875 2; 1879 3; 1882 4; 1886 5].		142. An anarchist on anarchy. In: Liberty (Boston), vol. 2, n. 17, pp. 2-3.
	92. Quelques mots sur la propriété. In: Almanach du “Peuple” pour 1873. St. Imier, Le Locle.		143. An anarchist on anarchy (followed by a sketch of the criminal record of the author by E. Vaughan) . Boston, Benj R. Tucker [1886 2].
1873	93. Extrait d’une lettre de m. Élisée Reclus au président de la Société. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, (déc.).		144. Nuova geografia universale: la Terra e gli uomini [trad. it. con note e app. per cura del prof. Attilio Brunialti]. Napoli [etc.], Vallardi, 1884-1900.
	94. Les Chinois et l’Internationale . In: Almanach du “Peuple” pour 1874 . St. Imier, Le Locle.		145. Les produits de la terre. In: Le Révolte (Paris), a. 6, n. 20 (23 nov.-6 déc.) [a puntate fino al n. 26 (15-28 fév. 1885)].
	95. Note relative à l’histoire de la mer d’Aral. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 6 (août), pp. 113-118.		146. Zemlja i ljudi: vseobščaja geografija . S.-Peterburg, A. Il’in.
	96. Notice sur les lacs des Alpes. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 5 (fév.), pp. 185-187.		147. Evolutie si revolutie. In: Revista sociala (Bucarest).
	97. The ocean, atmosphere and life.		148. Evolution and revolution.

	London, Chapman & Hall [1886, 1887, 1888].		London, International Publishing Company [1885 2, 1886 3].
	98. The ocean, atmosphere and life. New York, Harper & brothers [1874].		149. Evoluzione e rivoluzione. Torino, Mari.
	99. Les pluies de la Suisse. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 5 (jan.), pp. 88-91.		150. L'Internationale et les Chinois. In: La Question sociale (Paris), (10 juin).
	100. Die Ragenmende der Schweiz. In: Alpenpost.		151. Internationalisme. In: La Révolte (Paris), n. 4.
	101. Réponse aux observations précédentes. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 6 (nov.), pp. 533-536.		152. Lettre [sur l'abstention] adressée par le compagnon Élisée Reclus (Clarens, Vaud, 26 sept. 1885). Paris, Groupe de propagande anarchiste.
	102. La Sicilia : due viaggi di F. Bourquelot ed E. Reclus [con pref. e note di E. Navarro della Miraglia]. Milano, Treves [rist. anastatica: Catania, Dafni, 1980].	1885	153. Une lettre d'Élisée Reclus. In: Le Révolte (Paris), ser. 2, a. 1 (11-24 oct.), n. 13.
1874	103. Die Erde und die Erscheinungen ihrer Oberfläche in ihrer Beziehung zur Geschichte derselben und zum Leben ihrer Bewohner : eine physische Erdbeschreibung nach E. Reclus. Leipzig, P. Froberg, 1874- 1876		154. Notes sur les Tuileries. In: Bulletin de la Société des amis des monuments parisiens, t. 1, n. 1, pp. 15-17.

	[1892 2].		
	104. Sur le lac de Lugano: extrait d'une lettre de M. Élisée Reclus au Président de la Société de géographie de Paris. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 7 (avr.) pp. 421-425.		155. Les produits de la terre. Genève, Impr. Jurassienne.
	105. Voyage aux régions minières de la Transylvanie occidentale. In: Le Tour du monde, t. 28, pp. 1- 48.		156. La ricchezza e la miseria. In: Il Socialista (Buenos Aires), [a puntate dal n. 6].
1875	106. Le Bosphore et la Mer Noire. In: Le Globe (Genève), vol. 14, pp. 19-35.		157. Storia di una montagna. Milano, Brigola.
	107. La passe du sud et le port Eads dans le delta mississipien. In: Revue lyonnaise de géographie, (12 jan.), pp. 145-149.		158. Storia di un ruscello. Milano, Brigola.
1876	108. Atlas de la Colombie, publié par ordre du gouvernement colombien. In: Bulletin e la Société de géographie de Paris, (3 aug.).	1886	159. A mon frère le paysan. In: La Tribune des peuples.
	109. L'avenir de nos enfants. In: La Commune: almanach socialiste pour 1877. Genève, Impr. Jurassienne.		160. L'avenir de nos enfants. Lille, Impr. C. Lagache.
	110. L'avenir de nos enfants. Genève, Impr. du Rabotnik [1877 2].		161. New physical geography. London, Virtue [1888].

	111. The Earth and its inhabitants: the universal geography . London, J.S. Virtue & Co, (1876-1894).		162. A new physical geography. New York, D. Appelton & C. [1890, 1894].
	112. Nouvelle géographie universelle: la Terre et les hommes . Paris, Librairie Hachette et Cie, (1876- 1894).		163. Pourquoi sommes-nous anarchistes? In: La Tribune des peuples, (mai).
	113. The ocean, atmosphere and life. London, Bickers.		164. Pourquoi nous sommes anarchistes. Paris, [s.n.].
	114. Sovremennye politicheskie dieiateli biograficheskie ocherki kharakteristiki. S. Peterburg, Tip. V.A. Tushnova.		165. I prodotti della terra. Genova, Propaganda Socialista.
1877	115. The Earth: a descriptive history of the phenomena of the life of the globe . London, Bickers & sons.		166. L'avenir de nos enfants. Paris, Libr. des deux mondes.
	116. La grève d'Amérique. In: Le Travailleur, vol. 1 (sept.), n. 5, pp. 6-16.		167. L'avenir de nos enfants. Paris, F. Bouriant.
1878	117. A propos de l'anarchie. In: Le Travailleur, vol. 2, n. 2.	1887	168. Un empire qui croule, le Maroc contemporain, par Ludovic de Campou [recensione]. In: Bulletin de la Societé neuchâteloise de géographie, vol. 3, pp. 138-140.
	118. L'évolution légale et l'anarchie. In: Le Travailleur, vol. 2, n. 1, pp. 7-14.		169. Evolución y revolución. [S.l.], Sabadell.

	119. L'Internationale et les Chinois. In: Le Travailleur, vol. 2 (mars-avril), n. 3, pp. 22-31.		170. Evoluzione e rivoluzione. In: Rivista italiana del socialismo (Lugo-Imola), a. 2, n. 7, pp. 193-201.
	120. La question d'Orient. In: La Marseillaise, (3 avr.).		171. Les produits de l'industrie. In: Le Révolté, a. 8 (26 fév.-4 mars) n. 45 [continua a puntate sui n. 47 (12-18 mars) e n. 49 (26 mars-1er avr.)].
	121. La Passe du Sud et le port Eads dans le delta mississippien. In: Revue lyonnaise de géographie, vol. 1 (12 janv.), pp. 145-149.		172. Les produits de l'industrie. Paris, Publication du Révolté.
1879	122. A föld. A földgömb életjelenségeinek leírása. Budapest, Királyi Magyar Természettudományi társulat, 1879-1880.		173. La ricchezza e la miseria. In: Il Socialista: organo dei lavoratori (Buenos Aires), a. 1, [a puntate dal n. 6 al n. 8].
	123. La peine de mort: conférence faite à une réunion convoquée par l'Association ouvrière de Lausanne. Genève, Impr. Jurassienne.		174. La richesse et la misère. In: Le Révolte (Paris), a. 9 (25 juin-1er juil.), n. 12 [continua sul n. 8, a. 10 (5-11 nov. 1887)].
	124. Stations d'hiver de la Méditerranée [in coll. con P. Joanne]. Paris, Libr. Hachette et Cie.		175. Scandinaves. In: Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire [rééd. par Ferdinand Buisson]. Paris, Libr. Hachette, vol. 2, pp. 1991-1995.
1880	125. Aan de boeren, door Élisée Reclus, uit het fransch door . Kralingen, H. Van Bloppoel, [188-	1888	176. L'Afrique méridionale (Iles de l'Atlantique australe, Gabonie, Congo, Angola, Cap, Zambèze,

	<p>?.</p> <p>126. Africa and its inhabitants. London, J.S. Virtue, [188-?].</p> <p>127. Evolution et révolution: conférence faite à Genève le 5 février 1880. Genève, Impr. Jurassienne [1881 2].</p> <p>128. Evoluzione e rivoluzione. In: Rivista internazionale del socialismo (Milano), a. 1, vol. 2, pp. 1-11.</p> <p>129. Histoire d'une montagne. Paris, J. Hetzel et Cie [1881; 1882; 1883].</p> <p>130. L'Internazionale e i Cinesi. In: Rivista internazionale del socialismo (Milano), a. 1, vol. 1, pp. 21-28.</p> <p>131. Ouvrier, prends la machine! Prends la terre, paysan! In: Le Révolté (Paris), a. 1 (24 jan.), n. 25.</p> <p>132. Ouvrier, prends la machine! Prends la terre, paysan! Genève, Impr. Jurassienne. 1881 6.</p>		<p>Zanzibar, Côte de Somalie). Paris, Hachette.</p> <p>177. Australasia [ed. by A.H. Keane]. London, J.S. Virtue, 1888-1912.</p> <p>178. Lettre de félicitations et d'encouragements à Attaque. In: Organe socialiste révolutionnaire (Paris), (1 er -8 août) n. 7.</p> <p>179. Nueva geografía universal: la Tierra y los hombres. Madrid, [s.n.], 1888-1890.</p> <p>180. I prodotti della terra. In: L'Operaio (Reggio Calabria), a. 1.</p>
		1889	<p>181. À propos d'une carte statistique. In: Bulletin de la Société neuchâteloise de géographie, vol. 5 (1889-1890), pp. 122-124.</p> <p>182. L'évolution de la morale: le vol et les voleurs. In: La Révolte (Paris), a. 2 (10-16 fév.), n. 22, pp. 1-2.</p> <p>183. Pourquoi sommes-nous anarchistes?. In: La Société nouvelle, (31 août), pp. 153-155.</p>
1881	<p>133. The history of a mountain. London, S. Low, Marston, Searle &</p>		<p>184. Quelques notes sur la propriété. In: La Société nouvelle, a.</p>

	Rivington.		5, vol. 1 (10-16 fév.), n. 51, pp. 322-329.
	134. The history of a mountain. New York, Harper & brothers.		

Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus.** (aggiornata al 2000).
Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).

A EXPERIÊNCIA EM DOCÊNCIA DE GEOGRAFIA E BIOLOGIA – UMA ABORDAGEM INICIAL PREOCUPADA COM O FUTURO

Glauco Henrique Clemente Batista
Tiago Henrique de Araújo

Resumo:

Com as eminentes modificações nas bases que caracterizam o ensino médio no Brasil, o surgimento de algumas preocupações pelos profissionais da área de ensino de geografia e outras ciências que trabalham as humanidades se tornam cada vez mais presentes no processo de formação docente. O presente trabalho visa projetar e analisar a situação contemporânea do ensino médio através de empirismo e estudos científicos, buscando demarcar as principais questões que podem gerar complicações e dúvidas nos futuros profissionais de ensino. Em primeiro momento são discutidas as propostas de mudança pelo governo e as motivações para o ingresso no ensino superior. Posteriormente é feita uma projeção sobre o ensino de geografia no contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino médio, geografia, formação docente.

INTRODUÇÃO

O trecho abaixo foi retirado de um artigo que visa analisar as políticas educacionais no período da ditadura militar no Brasil. O texto foi publicado no ano de 2011 e mostra uma completa abordagem sobre as necessidades criadas para a mudança da forma de educação no período ditatorial, também chamada de reformas na educação. Em 2016 presenciamos uma nova reforma, que me parece muito próxima em intenções das reformulações do objetivo da escola ocorridas entre 64 e 95. Talvez o que até então foi dito como “inigualável” esteja acontecendo agora, ou talvez algo mais danoso ainda.

O período entre 1964 a 1985 foi uma época marcada pela intervenção militar, pela burocratização do ensino público, por teorias e métodos pedagógicos que buscavam restringir a autonomia de educadores e educandos, reprimindo, inclusive através da violência, qualquer movimento que se caracterizasse barreira para o pleno desenvolvimento dos ideais do regime político vigente, conduzindo o sistema de instrução brasileiro a uma submissão aos ditames da política centralizada e tecnocrática adotada pelo regime militar até o momento, inigualável. (HAMMEL; COSTA & MEZNEK, 2011)

Esse artigo visa levantar questionamentos acerca de possíveis consequências geradas com a aprovação da Medida Provisória 746, que deu origem à lei 14.315/2017, instituída no governo Michel Temer no ano de 2016. Essa MP é fruto de uma proposta do Ministério da Educação para uma reformulação (reforma) do ensino médio do Brasil. Já aprovada e com vigência a partir de 2018, gerou reações de diversas naturezas por todo o país, principalmente por aqueles que são diretamente afetados com a mudança: os profissionais da educação e os estudantes.

As discussões pós-aprovação são de inúmeros cunhos, porém nesse artigo não visou fazer nenhuma contribuição no sentido de avaliação se a medida é ou não

positiva, se foi certo ou não ter sido feita da maneira que foi ou até mesmo se deveria acontecer ou não.

Acreditamos que uma mudança desse teor não poderia acontecer dessa maneira, como um ato inconstitucional nos moldes dos ocorridos no período da ditadura, mas vamos partir do pressuposto que a mesma já é uma realidade e que será implantada de maneira integral, como prevista no documento. Os questionamentos serão feitos com foco nas consequências disso para o ensino de Geografia e os rumos da ciência como um todo.

Esperamos que os questionamentos a seguir levantados sirvam como base para futuros trabalhos e investigações acerca do assunto, que a nosso entender é de grande importância para as gerações que virão, não somente para aquelas ligadas à Geografia.

A motivação para esse trabalho surgiu a partir de mais de sete anos em sala de aula trabalhando principalmente com turmas de ensino médio e pré-vestibulares. Essas últimas serão foco da discussão justamente por apresentar a parcela dos estudantes que estão mais próximos e interessados em iniciar um curso superior. As preocupações surgiram das experiências com aulas das disciplinas de Geografia e Biologia, pois as mesmas mostraram um interesse muito diferente nos alunos, algo que não surpreende, mas incomoda.

Questões que queremos levantar:

1 - Quem vai escolher Ciências Humanas ao invés de Ciências da Natureza, Matemática ou Ensino Técnico?

No “novo ensino médio” será permitido que o estudante faça uma escolha a partir da metade de seu currículo nos três anos. Durante a primeira metade todos terão uma base comum, que contemplará todas as disciplinas atuais (porém de maneira reformulada, até o momento não divulgada) e, tendo essa etapa sido concluída, os alunos poderão fazer escolha para aprofundamento nos demais meses até a conclusão entre as áreas de Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Matemática, Linguagens ou Ensino Técnico Profissionalizante.

O questionamento que levantamos é juntamente aquele que concerne o ensino de Geografia nessa segunda etapa. Essa disciplina faz parte das 13

conhecidas atualmente e ela faz está/estará incluída no conjunto das Ciências Humanas, junto com História e, caso ainda sejam contempladas, Sociologia e Filosofia. Partindo do princípio que em todas as escolas seriam ofertadas todas as cinco vertentes, o que também acreditamos que seja impossível, devido às condições do cenário atual e perspectivas para a educação brasileira, quem escolheria a área das Ciências Humanas e por quê?

Devemos lembrar que os alunos que estão no ensino médio tendem a visar um curso superior e/ou um trabalho para seu futuro próximo, e nos modelos atuais de trabalho no Brasil de valorização e desvalorização de determinadas profissões, haveria algum atrativo palpável para que um jovem se interessasse por essa área, que não proporcionaria pra ele nem um emprego imediato e nem um curso de prestígio?

Com a cultura midiática, desde criança somos bombardeados com os ideais capitalistas de que é necessário crescer na vida, se empenhar, especializar e buscar sempre aquilo que te trará maiores condições para consumir. Não surpreende o fato de essa mentalidade ser quase unânime entre os jovens que procuram cursinhos pré-vestibulares. Durante os anos em sala de aula nessa etapa dos estudos foi possível perceber o quanto o futuro salário é o que mais pesa para a decisão da esmagadora maioria dos estudantes, mesmo que aquela profissão não seja algo que possa ser tratada como vocação pessoal ou mesmo uma paixão.

2 - Pessoas sendo levadas sempre a escolherem o curso pela questão financeira.

Não seria justo dizer que essas pessoas estão equivocadas nesse tipo de decisão. Ninguém quer ser pobre ou ganhar apenas o suficiente para que as contas básicas sejam pagas. Não precisaremos entrar na questão de que um problema prévio deveria ser resolvido que é a constante desvalorização de algumas profissões, mas sigamos no caminho em foco. O interesse demonstrado nos cursinhos pelas disciplinas dentro das ciências humanas é suprimido pelas expectativas de mercado. Quando se tem professores que fazem o possível para encantar seus alunos com as melhores aulas e os temas mais atrativos possíveis, dentro de suas disciplinas esses se mostram empolgados, mas só até certo ponto.

Pode parecer interessante estudar e procurar sobre esses assuntos, mas a motivação logo esbarra quando os mesmos observam quais seriam as possibilidades de ganhos seguindo esses caminhos. Não é nada empolgante e rapidamente o interesse é voltado novamente para aquilo que os trará um retorno financeiro.

A Biologia sempre parece algo que enche os olhos dos estudantes de esperança, afinal todo esse encantamento com a vida, a reprodução humana, as patologias, funcionamento das células, etc, podem leva-los à profissão de maior prestígio na sociedade, a Medicina. É impressionante notar como tantos “sonham” em serem médicos. Claro que não veio de berço, mas sim através de anos e anos de ambientação na sociedade. É importante lembrar que poucos serão médicos, mas essa mesma área também abarca uma série de profissões menos concorridas, mas que também são segundas opções da maioria do primeiro grupo, como Enfermagem, Odontologia, Agronomia, Fisioterapia, dentre outras das áreas de Biológicas. Esse grupo partiria para a escolha do grupo Ciências da Natureza, que também deverá contemplar as disciplinas de Física e Química.

Outro grupo importante de interesse que também está diretamente relacionado com prestígio da profissão e altos salários é a área das ciências exatas. Claro que não estamos falando das licenciaturas em Matemática ou Física, mas sim, principalmente das Engenharias. Os estudantes de notória inteligência lógico-matemática se destacam nas turmas e normalmente procuram alguma conhecida Engenharia para focar os esforços nos vestibulares. Não surpreendentemente são os que menos se interessam pelos textos e discussões do grupo das “humanas”. Para esse grupo, certamente seria escolhido para a segunda metade do ensino médio a área da Matemática.

Então, novamente voltemos ao questionamento inicial, se a motivação é preferencialmente financeira, o que fará alguém optar pelo destino das Ciências Humanas? Aqueles que escolherem esse caminho estarão, portanto, susceptíveis a escutar frases como “mas você vai querer ser só professor?”, com razão, pois os salários que os esperam nessa profissão não são nada atrativos.

Existem ainda aqueles que ao invés de querer continuar estudando, terá também a opção de se especializar já no ensino médio, para uma área profissionalizante técnica. Uma alternativa altamente plausível e recomendada para muitos que já queiram entrar cedo no mercado de trabalho sem “perder tempo” com ensino superior. Também vamos levar em consideração que em todas as escolas haverá oferta de cursos técnicos em diversas áreas. Ao confrontar os egressos do ensino médio que optaram por esse currículo com os que viessem a escolher as ciências humanas, esses últimos não terão vantagem alguma no que tange a questão financeira, novamente. Enquanto aqueles técnicos poderão ter uma capacitação e ganhos imediatos, os universitários das áreas humanas ainda precisarão de alguns anos de aperfeiçoamento para conseguir um diploma que lhes proporcionarão um salário de mesmo patamar (ou muitas vezes pior) que os técnicos. De fato, se torna cada vez mais distante pensar o que poderia trazê-los para esse lado combinadas as atuais conjunturas com as mudanças previstas na reforma.

3 – Como fica a Geografia? Deveria ser separada em física e humana?

Adentrando mais na questão do ensino de geografia propriamente dito, devemos também nos atentar pelo fato de que ainda hoje entendemos que existe uma clara divisão entre a chamada geografia física e humana. É verdade que todo o conteúdo ainda é inserido dentro das Ciências Humanas, até mesmo nas provas do ENEM, porém com a reformulação do ensino médio poderíamos admitir a possibilidade de a parte física não estar mais inserida nos estudos chamados humanos. É possível pensar que essa vertente da Geografia se encaixe melhor no grupo das ciências naturais (da natureza), pois está totalmente ligada ao estudo de tópicos anteriores à ação humana, assim como a Física, Biologia e Química. Nós geógrafos e estudantes de geografia entendemos claramente que essa divisão existe apenas para fins didático-metodológicos, mas que a mesma não se faz coerente na prática.

Como já mencionado anteriormente, é prevista uma reformulação das 13 disciplinas básicas para essa reforma do ensino médio, dessa forma é preciso avaliar se assuntos como pedologia, climatologia, hidrografia, e outros assuntos

que se encaixam na parte física da geografia realmente deveriam continuar inseridos nas Ciências Humanas ou se deveriam ser realocados para as Ciências da Natureza. Caso essa mudança ocorra, seria positivo ou negativo? Deveria haver também mudança nas graduações de geografia? A disparidade de abordagem dos conteúdos é realmente visível, até mesmo no meio acadêmico, professores que têm domínio de uma das áreas mal sabe algum conteúdo básico sobre a outra vertente, talvez não fosse absurdo pensar essa separação já no ensino médio.

4 – Pode haver acentuação das diferenças intelectuais?

“Com o novo ensino médio já nos formaremos prontos para o mercado de trabalho” – Diz um jovem (ator) decidido, numa propaganda que é repetida incessantemente na televisão, do governo. Caso as mudanças sejam realmente aplicadas, é bem possível que os futuros profissionais acabem sendo formados justamente nos locais onde mais os jovens não tem tanta perspectiva de um futuro financeiro promissor, enquanto os que não precisam de logo adentrar no mercado de trabalho assim que encerram o ensino médio, poderão, portanto, desenvolver mais a sua capacidade intelectual, como fica claro no slogan de determinada escola particular: “As melhores cabeças nas melhores universidades.”

Dessa forma, é possível prever que nas universidades teremos sempre aqueles que têm por opção continuar os estudos e ter acesso ao conhecimento acadêmico, que já é restrito a uma parte muito pequena da população, enquanto os demais, os das classes mais pobres, continuarão com um acesso limitado, acentuando ainda mais as diferenças intelectuais entre as camadas mais e menos favorecidas da população.

Vamos observar o trecho a seguir, retirado de um artigo que estuda as mudanças do ensino médio desde os primórdios da educação no Brasil:

Algumas mudanças nesse papel exclusivamente propedêutico surgiram com as reformas educacionais iniciadas por Francisco Campos, na década de 1930, quando começou a ser implantado o ensino profissionalizante destinado às “classes menos favorecidas”. O então chamado ensino secundário começou a ser reorganizado a partir de 1931 (com o decreto n. 19.890/31), consolidando-se o processo em 1942, com a Lei Orgânica do

Ensino Secundário (decreto-lei n. 4.244/42), que dividiu esse nível de ensino em duas etapas – um ginásio de quatro anos e um colegial com três anos –, mantendo tanto os exames de admissão quanto a seletividade que marcava esse nível de ensino.

Nesse primeiro momento de expansão do ensino secundário, o modelo destinado “às massas” foi o profissionalizante, com terminalidade específica, que visava a preparar mão de obra para as indústrias que começavam a surgir no país. Paralelamente, preservou-se o ensino de caráter propedêutico, destinado ao ingresso ao ensino superior. Tais opções consagraram o que educadores da época definiram como uma dualidade do nosso sistema de ensino, com duas trajetórias distintas, de acordo com aqueles a quem se destinavam. (MOEHLECKE, 2012)

Qualquer semelhança com a mudança atual seria mera coincidência?

5 – Pode haver acentuação das diferenças sociais?

Além disso, um conhecimento acadêmico maior também proporciona, a longo prazo, maiores possibilidades de ascensão financeira. Se por um lado parece bastante tentador terminar o ensino médio já com uma profissão, por outro também aqueles que podem adentrar num curso superior sem se preocupar com ganhos imediatos também poderão ter acesso a conhecimentos negados àqueles com menores oportunidades. O mercado de trabalho para aqueles que começarão a trabalhar imediatamente após o ensino médio pode até ser tentador, mas a realidade é que também não proporcionarão carreiras tão promissoras (financeiramente) quanto aquelas advindas de estudos superiores. Então essa massa que estará imersa num mercado técnico também continuará fazendo parte da mesma massa durante toda sua vida, enquanto os demais poderão ter outras perspectivas.

Acreditamos que talvez essa questão também seja preocupante pelo fato de haver uma grande possibilidade de acentuação das diferenças sociais. Determinados empregos serão destinados para determinadas camadas da população, enquanto outros, de maior prestígio e remuneração, serão

concentrados apenas naqueles que tiveram melhores oportunidades de aprofundamento intelectual.

Acentuar as diferenças sociais implica numa maior competitividade e menor solidariedade, aumentando o clima de competição entre as pessoas, e isso já parece ter que começar na escola:

Retomando o contexto da sociedade tecnológica e o novo ambiente produtivo, vê-se que é exigida uma formação que inclui flexibilidade funcional, criatividade, autonomia de decisões, capacidade de trabalhar em equipe, capacidade de exercer múltiplos papéis e executar diferentes tarefas, autonomia intelectual, pensamento crítico, capacidade de solucionar problemas etc. O perfil e a formação cultural do candidato estão sendo amplamente valorizados nos processos de recrutamento para o mercado de trabalho. 3 Deveria, então, a educação média subordinar-se às necessidades da economia, atender às carências do mercado de trabalho? Subordinar-se a tais exigências estaria significando aceitar a competição capitalista e negligenciar o espírito cooperativo entre as pessoas? (DOMINGUES; TOSCHI & OLIVEIRA, 2000)

6 – Tirar a obrigatoriedade de qualquer conteúdo, sabendo que a preferência é pela área que traz maiores possibilidades de ganhar dinheiro, pode vir a ser uma estratégia para eliminar o pensamento crítico?

Admitindo que os estudantes possam então escolher seus destinos, aprofundamento nos estudos, assim que forem adolescentes de em torno 16 anos, e que os mesmos não terão muitas perspectivas de uma vida bem sucedida financeiramente, podemos visualizar um futuro onde teremos poucos adultos com visão reflexiva sobre a sociedade e a humanidade como um todo.

Não acreditamos que tal medida tenha sido pensada sem uma estratégia por trás. Por mais que pareça teoria da conspiração, ainda fica bem clara a intenção dos governantes envolvidos com o sistema capitalista formar pessoas cada vez menos questionadoras e com pensamento crítico. Quanto menos a população entender os procedimentos passados que levaram à revoluções e mudanças de

paradigmas, quanto menos entenderem sobre como são as diferentes vertentes de pensamentos filosóficos e sociológicos e mais se preocuparem apenas em uma qualificação para adentrarem no mercado de trabalho, melhor será para os governantes os manterem alienados.

Admitindo, portanto, que Geografia, História, Filosofia e Sociologia não são aplicáveis rapidamente no mercado de trabalho e que essas serão provavelmente cada vez menos sendo alvo das escolhas dos secundaristas, é possível que num futuro de médio a longo prazo o pensamento crítico seja sistematicamente substituído pelo conhecimento técnico.

Sobre o papel crítico da Geografia:

Assim, mudanças da prática social dos professores de Geografia são, igualmente, necessárias. Por meio da abordagem de temas da Geografia Política e da Geopolítica, suas aulas certamente podem contribuir para a construção de “raciocínios geográficos”, essenciais na compreensão de problemas do mundo atual. Esse é o papel do Ensino de Geografia na formação de cidadãos brasileiros participativos, ativos e críticos! (VLACH, 2007)

7 – Quais as implicações da retirada da obrigatoriedade do ensino de Geografia a partir da segunda metade do ensino médio?

Os PCN (1997) trazem um importante questionamento sobre a contribuição do conhecimento geográfico para a plena formação do educando. De acordo com o documento, no Ensino Fundamental, o papel da Geografia é “alfabetizar” o aluno espacialmente em suas diversas escalas e configurações, dando-lhe suficiente capacitação para manipular noções de paisagem, espaço, natureza, Estado e sociedade. Já no Ensino Médio, o aluno deve construir competências que permitam a análise do real, revelando causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade.

A distinção que aqui se faz é que não se deve compreender o Ensino Médio apenas dentro da ótica de simples continuação do Fundamental ou da redução de um curso de graduação. O Ensino Médio é o momento de ampliação das possibilidades de um conhecimento estruturado e mediado pela escola que conduza à autonomia necessária para o cidadão.

Assim, a Geografia contribui para esta formação, proporcionando ao aluno o desenvolvimento de uma consciência crítica a respeito dos acontecimentos mundiais, fazendo com que eles percebam a sua relação com a configuração do espaço geográfico. Reconhecendo as contradições e os conflitos econômicos, sociais e culturais, o que permite comparar e avaliar qualidade de vida, hábitos, formas de utilização e/ou exploração de recursos e pessoas, em busca do respeito às diferenças e de uma organização social mais equânime. Nesta perspectiva, o aluno torna-se sujeito do processo ensino-aprendizagem. Incentiva-se o aluno a compreender as mais variadas escalas: local, regional, nacional e global. (PEREIRA & FERREIRA, 2014)

Em conjunto com todas essas discussões, também é preciso começar a pensar as implicações diretas da retirada da obrigatoriedade de algumas disciplinas a partir da segunda metade do ensino médio. Aqui, diretamente abordando a situação das ciências humanas, principalmente a Geografia. Talvez a diminuição do pensamento crítico seja aquela mais preocupante, mas podemos ir além.

Dentre as disciplinas tradicionais hoje existentes, podemos citar a Biologia e a Geografia como as mais preocupadas com as questões ambientais. Sim, aquelas mais básicas instruções sobre reciclagem, reutilização, redução, preocupação com a destinação do lixo, pensar sobre as consequências do desmatamento e etc. Podemos então pensar em uma nova preocupação com essa mudança: a questão ambiental.

Formar técnicos e profissionais altamente especializados logo no ensino médio pode trazer uma mudança substancial na forma de como a sociedade como um todo pensa o planeta e a inserção deles mesmos nesse lugar. Pensar o ser

humano como pertencente de um todo, participante e responsável parece que foi sempre uma das maiores lutas dos professores de Geografia, desde o ensino fundamental. Preocupa pensar que o foco será apenas o trabalho e a especialização, sendo que possivelmente essas disciplinas serão deixadas de lado na escolha da maioria, algo muito maior que o futuro de uma juventude estará em risco.

A educação ambiental é compreendida como uma prática social e política por meio da qual os indivíduos podem interferir na realidade circundante e transformá-la. Está relacionada com uma mudança de postura da sociedade, de atitudes de cuidado com o ambiente e de respeito mútuo, que implica o respeito à vida em sua diversidade. Essa indicação está bastante consolidada nos meios educacionais, com experiências inter e transdisciplinares.

A Geografia sempre lidou com a questão ambiental, pois estuda a relação entre o homem e a natureza, buscando a abordagem integrada. Após a década de 1980, com as mudanças nas ciências e na Geografia em particular, a concepção de ambiente passou a ser predominantemente a que tinha como base essa relação. Nesse sentido, deve-se ter o objetivo de formar, pela Geografia, um conceito crítico de ambiente que destaca suas dimensões social, ética e política, que propicia a identificação dos problemas ambientais e de sujeitos sociais específicos com níveis de responsabilidade diferentes em relação a esses problemas. (CAVALCANTI, 2010)

8 – Quem quer fazer Geografia e por quê?

É visível que o curso de Geografia passou a ser um dos secundários em preferências dos estudantes pré-vestibulandos, devido a fatores já mencionados aqui. Quem escolhe fazer Geografia hoje em dia? Quem escolherá, caso essas mudanças entrem em vigor, nos próximos anos?

Apesar de afirmar isso sem nenhuma pesquisa prévia, apenas com observação, podemos ver claramente que não são os mais ricos que escolhem esse tipo de curso. Basta ir a uma escola ou cursinho particular e perguntar aos

estudantes. O resultado da pesquisa será, no mínimo, preocupante para nós dessa área. Pouquíssimos (ou mesmo nenhum) irão dizer que a escolha é Geografia, mas sim Medicina, Engenharia, Direito, Administração, Ciências da Computação (ou algum outro curso da área de tecnologia da informação).

Fazer essa mesma pergunta em uma escola pública, na qual a grande maioria dos alunos é de baixa renda, já terá resultados diferentes e mais empolgantes para nós. Muitos dos que viram algum interessante ou algum professor que o empolgou, poderá fazer essa escolha e também mantê-la até a época do vestibular. Talvez isso aconteça até mesmo por acharem que não conseguiriam alcançar os cursos de mais prestígio, devido à grande(e desleal) concorrência.

Portanto é notório que cursos como Geografia e outras licenciaturas são cada vez menos prestigiadas no âmbito escolar, principalmente por conta da grande desvalorização dos profissionais dessas áreas. Se já é assim atualmente, como será quando o contato com a Geografia for ainda menor, a partir da segunda metade do ensino médio? É uma questão que ainda vai exigir tempo e muitas pesquisas para podermos entender, mas pensar nela já é necessário.

9 – Geografia é interessante?

Os professores de Geografia relatam que estão freqüentemente enfrentando dificuldade em “atrair” seus alunos nas aulas, pois a maioria não se interessa pelos conteúdos que essa disciplina trabalha. No entanto, se a Geografia contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço, as questões espaciais estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as de dimensões globais ou locais. É o caso de se questionar, então, por que os alunos não mostram interesse especial pelos conteúdos da disciplina, limitando-se, na maior parte das vezes, ao cumprimento formal das obrigações escolares. Se a tarefa do ensino é tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno e se a construção do conhecimento pressupõe curiosidade pelo saber, esse é um obstáculo que precisa efetivamente ser superado.

Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação didática, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla. Nesse sentido, o papel diretivo do professor na condução do ensino está relacionado às suas decisões sobre o que ensinar, o que é prioritário ensinar em Geografia, sobre as bases fundamentais do conhecimento geográfico a ser aprendido pelas crianças e jovens, reconhecendo esses alunos como sujeitos, que têm uma história e uma cognição a serem consideradas. (CAVALCANTI, 2010)

É preciso se preparar para as mudanças. Achar isso ou aquilo algo interessante é algo muito pessoal, mas também muito moldado pela televisão e pelo retorno financeiro. Sabendo que a Geografia está fora de tudo o que se pode pensar como prático na sociedade brasileira, como trazer os estudantes para o nosso lado? Seria isso ainda possível?

Nós geógrafos e estudantes de Geografia entendemos bem toda a importância que tem saber acerca das questões físicas e humanas que envolvem a nossa área. Importante para o lado pessoal e também para o coletivo, importante para a escala local e também para a global. A visão sistêmica e integrada que aprendemos a ter ao longo do nosso curso é de suma importância para que a sociedade caminhe bem, e isso está sendo, cada vez mais, deixado de lado.

Tornar nossa disciplina mais interessante, tanto quanto é importante, para os jovens talvez será um dos grandes desafios para os professores de Geografia dos novos tempos. É preciso que se passe a discutir isso nos encontros, congressos e escolas por todo o país, num esforço conjunto para não deixar que essas mudanças afetem de forma tão fatal e determinante o futuro da Geografia, dos professores e dos geógrafos.

10 – Reflexões sobre a experiência ensinando geografia e biologia, o que proporcionou?

Preocupação e a certeza de que é preciso haver uma reformulação do ensino de Geografia, aproveitando a referida reforma do Ensino Médio. No entanto até mesmo uma mudança dentro da disciplina esbarraria na sociedade que caminha para um rumo que iria de encontro com o pensamento revolucionário transformador, que, a meu ver, deveria permear todo o pensamento geográfico ensinado nas escolas. Preocupa pensar que qualquer ciência seja apenas instrumento para a formação de uma população técnica e voltada apenas para produção e desenvolvimento econômico.

É possível notar nos estudantes o interesse nos assuntos que partes da Geografia nas escolas, principalmente quando o professor faz o possível para mostrar a importância do entendimento dela e, com entusiasmo, consegue despertar certa curiosidade e relevância em sala de aula. Porém, esse interesse não dura até o momento da escolha do curso, pois aquilo lhes parece algo para crescimento pessoal apenas interior, mas nunca financeiro.

11 – Modelos internacionais servem e deveriam ser aplicados no Brasil?

Para encerrar os questionamentos, por ora, devemos salientar um dos principais argumentos utilizados pelo governo ao apresentar a reforma, o de que esse modelo que será empregado no país já é utilizado em vários outros países desenvolvidos da Europa. Dessa forma, a intenção é que os espectadores possam associar o desenvolvimento econômico do país com a forma com que os estudantes recebem os assuntos disciplinares nas escolas e os aplicam no mercado de trabalho.

Não é preciso nem dizer o quão estapafúrdia é uma afirmação desse cunho, sabendo as enormes diferenças existentes na história e condições atuais dos países em questão. Mas a questão da Geografia pode ser pensada. Será que ainda queremos a mesma Geografia dos países desenvolvidos europeus? Queremos a disciplina centrada nos mesmos autores que falam de um lugar totalmente diferente do nosso, sem sequer conhecer um pouco da realidade daqui? Não seria preciso também repensar um modelo de reformulação do ensino médio (e da Geografia) que estivesse de acordo com a realidade única que temos no Brasil?

Considerações Finais

Como foi possível notar, apenas iniciamos discussões a partir de indagações e dúvidas criadas a partir de uma breve análise do cenário atual bem como através da experiência em sala de aula. Não pudemos concluir nada até então, mas ao menos instigar um pouco quanto à necessidade de se começar a pensar seriamente sobre o assunto. Que seja possível que a partir de questionamentos iniciais possamos buscar respostas e soluções, através da investigação, pesquisa e vontade pela transformação da realidade, com foco num futuro melhor para nós, para a Geografia e, principalmente, para os jovens estudantes.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. *A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: avanços, caminhos e alternativas*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

DOMINGUES, José Juiz; TOSCHI, Nirza Seabra; OLIVEIRA, João Ferreira. *A Reforma do Ensino Médio: A nova formulação curricular e a realidade da escola pública*. Educação & Sociedade, ano XXI, n 70, abril de 2000.

HAMMEL, Ana Cristina; DA COSTA, Gelson Kruk; MEZNEK, Ivone. *A ditadura militar brasileira e a política educacional: leis 5.540/68 e 5692/71*. ANAIS DO 5º SEMINÁRIO NACIONAL ESTADO E POLÍTICAS SOCIAIS. Cascavel, outubro de 2011.

MOEHLECKE, Sabrina. *O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações*. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 49 jan-abr 2012.

NUNES, Adão C. Ferreira. *As dificuldades de Ensinar Geografia*. Londrina, Vol. 13. Londrina, 2004.

_____. Encarte: As novas diretrizes curriculares que mudam o ensino médio brasileiro. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/encarte.pdf>. Acesso em: 09/07/2017.

NEUBAUER, Rose; DAVIS, Cláudia; TARTUCE, Gisela L. B. P.; NUNES, Marina M.R. *Ensino médio no Brasil: uma análise de melhores práticas e de políticas públicas*. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 92, n. 230, p. 11-33, jan./abr. 2011.

PEREIRA, Eduardo Rafael de Moura; FERREIRA, Gustavo Henrique de Almeida. *Ensino de Geografia e o Desafio Didático-Pedagógico: Possibilidades de ação para o professor*. ANAIS DO I SIMPÓSIO MINEIRO DE GEOGRAFIA – DAS DIVERSIDADES À ARTICULAÇÃO GEOGRÁFICA, Alfenas, maio de 2014.

PEREIRA, Jefferson da Silva. *O ensino de história durante a ditadura militar (1965-1985)*. XXV Semana de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Londrina, 2014.

QUINTÃO, Altamar F. B; ALBURQUERQUE, Maria A. M. *Desafios e perspectivas do ensino de geografia no Brasil*. ENPEG, Porto Alegre 2009.

VLACH, Vânia. *Papel do Ensino de Geografia na compreensão de problemas no mundo Atual*. IX Colóquio Internacional de Geocrítica. Porto Alegre, 2007.

KRAWCZYK, Nora. *Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje*. _____, V.41 N.144 SET./DEZ. 2011 CADERNOS DE PESQUISA.

LIZIERO, Adriano. *Entenda como fica a geografia na reforma do ensino médio*. Disponível em: <<http://geografiavisual.com.br/?p=2321>> . Acesso em: 08/07/2017.

CONOFRE, Fernanda. *Karnal: as ditaduras sempre propuseram reformar o ensino*. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/289472-1>. Acesso em: 08/07/2017.

CAMPOS, Judas Tadeu de. *Paulo Freire e as novas tendências da educação*. Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 3, n. 1, dez. 2007.

CASTILHO, Denis. *Reforma do Ensino Médio: desmonte na educação e inércia do enfrentamento retórico*. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/02/reforma-do-ensino-medio-desmonte-educacao-inercia.html> . Acesso em: 08/07/2017.

LITERATURA DE CORDEL: INSTRUMENTO AVALIATIVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Hellen Cristine da Silva Costa¹

Resumo:

Neste trabalho, a literatura de Cordel é apresentada como ferramenta inovadora para o processo ensino-aprendizagem na disciplina Geografia. Discutir o uso de cordéis como instrumento de avaliação nos possibilita romper padrões pré-determinados, onde o percurso apresentado para se obter uma garantia de aprendizado não leva em consideração a reflexão do trajeto dos alunos, mas se dá diante de uma avaliação classificatória, segregando o processo ensinar e aprender. Como metodologia, foi realizada a revisão bibliográfica sobre o tema, produziu-se planos de aula de Geografia, e a aplicação desses planos no 8º ano da escola pública Municipal Profa. Josiany França. Aqui levou-se em conta a autonomia, constituindo um processo de crescimento e desenvolvimento do sujeito.

Palavras Chave: conhecimento, avaliação, desenvolvimento, inovação.

¹ Graduanda no Curso de Licenciatura em Geografia - Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista PIBID-CAPEs. Correio Eletrônico: geografia.hellen@gmail.com

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que o ensino de Geografia é ainda influenciado fortemente pelas práticas tradicionais de base positivista, é importante salientar a importância em dinamizar o processo de ensino-aprendizagem considerando-o mutável.

Refletindo sobre o atual cenário das práticas educativas em nosso país, Brasil, é necessário explorar instrumentos metodológicos onde o educando compreenda as transformações no/do espaço visando uma formação efetiva, onde a interpretação dos fenômenos inerentes a esse espaço seja aprazível.

Diante da necessidade de ampliar essa reflexão, e sabendo-se que a literatura é uma linguagem interdisciplinar que contribui para diversas áreas, utilizar um de seus gêneros, no caso o Cordel, é ousar para contribuir na resignificação de práticas da ação pedagógica num todo, buscando sempre a superação do método considerado tradicional, que é centrado apenas na exposição do professor e na assimilação passiva do aluno. Um dos aspectos mais relevantes desse tipo de literatura é o fato de retratar a relação entre os atores sociais, sua historicidade, sua língua, seus espaços e tempos. Alves (2008) diz que a utilização de cordel propõe uma forma de despertar o senso crítico do aluno, bem como sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica, principalmente na região Nordeste, onde essa manifestação popular encontrou maior facilidade de propagação. Grillo (2008) diz ainda que apresenta outros aspectos interessantes e dignos de destaque, com especial atenção as suas gravuras, chamadas xilogravuras, que representam importante espólio do imaginário popular.

Contemplando as discussões sobre avaliação como parte do processo pedagógico, o desenvolvimento do método avaliativo no ensino da Geografia e as considerações sobre a linguagem da literatura de Cordel como instrumento nesse movimento, busca-se como objetivo, desenvolver a capacidade criativa dos alunos e a ludicidade como construção de conhecimento.

Portanto, a discussão sobre o processo de avaliação no ensino de Geografia, utilizando a produção de literaturas de cordéis, reforça o encorajamento

da aplicabilidade de incursões temáticas inovadoras que facilitem e entusiasmem os discentes e os docentes sobre uma visão ampla sobre o percurso do conhecimento nessa disciplina.

A LITERATURA DE CORDEL

Surgida na Península Ibérica no século XVI, a Literatura de Cordel tratava-se de um trabalho manuscrito caracterizado por folhetos escritos numa linguagem simples e popular. No início, na Espanha eram chamado *Piegos Sueltos* e de *Folhas Volantes* em Portugal. As folhas soltas ou volantes eram comercializadas em feiras, praças, romarias e ruas. Especula-se que a Literatura de Cordel tenha chegado ao Brasil no século XVIII, instalando-se em Salvador na Bahia, de onde se espalhou para os demais estados do Nordeste.

Embora não haja consenso sobre a origem da Literatura de Cordel no Brasil, muitos estudiosos, como Câmara Cascudo, atribuem ao paraibano Silviano Piruá de Lima (1848 – 1913) a ideia de rimar as histórias tradicionais. O ambiente sociocultural do Nordeste Brasileiro naquela época contribuiu para que a Literatura de Cordel surgisse com força. A própria vida familiar e o costume de reunirem-se durante a noite, após o jantar, em torno de um candeeiro, fizeram com que a leitura de poesias se tornasse a grande motivação dessas reuniões (DIEGUES JÚNIOR, 1973).

Ao caracterizar a literatura de cordel podemos perceber os diversos contextos que fizeram deste gênero de linguagem um meio de comunicação entre a identidade cultural regional, as vivências, e a aprendizagem. Nesse contexto, o autor ainda relata:

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, da maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do

pensamento coletivo, das manifestações da memória popular (DIÉGUES JÚNIOR, 1994, p. 12).

O autor nesse trecho incita o estímulo onde as representações históricas, culturais, sociais, políticas e artísticas ganhem significado, delimitando um espaço de experiências e conhecimento.

No século XX, entre as décadas de trinta e cinquenta, ocorreu o apogeu da Literatura de Cordel quando foram montadas as redes de produção e distribuição dos folhetos bem como introduzidas inovações nas suas impressões consolidando o formato utilizado até hoje. Longobardi (2010, p. 51) afirma, ainda, que o cordel era conhecido como o jornal do sertão: “pois era por meio dele que a notícia chegava ao povo”, o que de certa forma expressa a dimensão didática informacional em torno dos folhetos de cordel, sendo caracterizada por uma linguagem simples e acessível.

Em sua simplicidade os cordéis abordam temas de caráter informativo, mediando educação, saúde, meio ambiente, preconceito, observando a realidade social, histórica, política e econômica, entre outros.

O ENSINO DE GEOGRAFIA: uma reflexão

É possível afirmar a importância do ensino de Geografia para a formação de sujeitos que reconheçam a dimensão social de sua participação na apropriação do espaço, que é construída a partir da assimilação de conceitos geográficos, e a partir de suas vivências nesse espaço.

Ao pensarmos o ensino de Geografia para a formação de uma sociedade com indivíduos que pensam criticamente, estaremos automaticamente construindo um foco na formação do cidadão. Deste modo, levar o educando a pensar criticamente o espaço por ele experienciado é lhe dar a oportunidade de vivenciar o protagonismo de sua história e, conseqüentemente, da própria sociedade. Como enfatiza Cavalcanti (2002, p.11) ao argumentar que:

O pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos ao conhecer o mundo em que vive desde a escala local à regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico é, pois indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social, à medida que propicia o

entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais.

Ao propor a necessidade de focalizar o ensino de Geografia na “formação do cidadão”, a reflexão de Cavalcanti, impele-nos a pensar uma educação geográfica instrumentalizada a partir das experiências do cotidiano vivenciado pelo sujeito, pelas experiências reais, não importando que elas sejam de natureza positiva ou, negativa, mas que sejam autênticas. O que nos permite apontar que problematizar, no processo de ensino-aprendizagem, precisa ser considerado mais um elemento de motivação à construção de conhecimentos significativos; entendida dentro de uma estratégia metodológica que permita lidar com os conteúdos ditos engessados e pouco contextualizados, atribuindo-lhes novos pontos de vistas. Nesta perspectiva, a aprendizagem, passa a ser entendida na medida da contradição e do confronto, que leva ao inconformismo e, conseqüentemente, à crítica.

Apontamos o espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, como o espaço da existência, da expressão, da forma e da vivência; é nesse espaço que são construídos os conhecimentos geográficos. Neste sentido, Callai (1998, p. 56) chama a atenção para a relação intrínseca entre sujeito e espaço geográfico, quando sugere que o educando: “se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Geografia (BRASIL, 1997) estabelecem os conceitos básicos dessa disciplina como sendo: lugar, território, paisagem e região, sendo estas as categorias de análise da Geografia, e “a partir delas é que podemos identificar a singularidade do saber geográfico”. Tais conceitos expressam a multidimensionalidade do espaço e, portanto, constituem-se em preceitos para a construção do conhecimento geográfico.

É importante lembrar que as vivências, no contexto da Geografia, referem-se à percepção do espaço experienciado pelo educando, sobretudo os sentimentos e impressões em relação a esse espaço, que podem ser relacionados às categorias de análise do espaço geográfico e suas variações.

Podemos perceber que o ambiente escolar é um espaço desafiador e exigente, pois em sua dinâmica de trabalho há confluência de muitas realidades e

experiências que serão orientadas a partir de uma proposta didática, tendo como fim a construção de conhecimentos. Portanto, o docente que assume a tarefa de mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento precisa estar consciente e seguro de que sua proposta didática tenha uma natureza formativa, comprometida com o progresso do educando.

No processo de ensino-aprendizagem o planejamento didático, que segundo

Libâneo (1994, p. 222), pode ser entendido como: “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”, traz em seu bojo os arranjos técnicos necessários para se alcançar uma aprendizagem significativa.

Libâneo também esclarece que os métodos de ensino não se reduzem a

[...] medidas, procedimentos e técnicas. Eles decorrem de uma concepção de sociedade, da natureza da atividade prática humana no mundo, do processo de conhecimento e, particularmente, da compreensão da prática educativa numa determinada sociedade. Nesse sentido, antes de se constituírem em fatos, medidas e procedimentos, os métodos de ensino se fundamentam num método e reflexão e ação sobre a realidade educacional (LIBÂNEO, *ibidem*, p. 150).

Compreendemos, então, a necessidade da leitura de mundo no ensino de Geografia para a interpretação, o domínio e o posicionamento crítico diante das informações ali contidas. Isso nos remete a considerar as intensas transformações inerentes ao espaço geográfico e percebermos a diversidade de simbologias e gêneros linguísticos que transitam neste espaço, revelando sua natureza dinâmica e informacional.

A AVALIAÇÃO: metodologia

A literatura de cordel como instrumento de avaliação na modalidade em ensino de Geografia fortalece a socialização do conhecimento científico através da escrita popular, possibilitando observar a interrelação entre a proposta da atividade e o conhecimento gerado através do material produzido e a capacidade de reflexão. Neste sentido, a metodologia proposta objetiva demonstrar o emprego da literatura de cordel como instrumento de avaliação e ao mesmo tempo busca

resgatar nos alunos a perspectiva cultural do uso de cordéis como técnica de conhecimento geográfico.

O cordel, nessa perspectiva, como ferramenta de aprendizagem na modalidade avaliação é importante e necessária, pois aproxima o aluno da sua cultura sem destoar do cunho científico que o mesmo dissemina. Ainda, permite que este aluno desenvolva a escrita com mais qualidade e sua capacidade de raciocínio, fortalecendo o processo ensino-aprendizagem.

Trata-se de um estudo do tipo descritivo, pois possibilita o desenvolvimento de um nível de análise em que é possível identificar as diferentes formas dos fenômenos, sua ordenação e classificação (OLIVEIRA, 2002).

Este estudo baseia-se na proposta de produção de cordéis por alunos do 8º ano da Escola Municipal Professora Josiany França/ Uberlândia - MG. Os cordéis foram produzidos na disciplina de Geografia, com o auxílio dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)². As temáticas contempladas na atividade foram definidas pela professora efetiva, sempre incorporando estratégias pedagógicas que levaram os alunos a observar, analisar, argumentar e pesquisar, minimizando à memorização dos dados e das informações.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário um levantamento bibliográfico, a elaboração dos planos de aula, e a confecção dos cordéis, os quais foram fundamentais, pois nos permitiram analisar a importância desse tipo de avaliação no ensino de geografia. A elaboração dos cordéis foi espontânea e detalhada por cada aluno, entretanto a cientificidade do material foi embasada em textos, livros, sites e outras referências indicadas pela professora e pelos bolsistas

² O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

do PIBID. Os alunos tiveram também o incentivo da professora de artes para a confecção das capas dos cordéis, contendo figuras ilustrativas ou xilogravuras³.

Antes de iniciar a construção do Cordel, buscou-se definir o estilo que seria utilizado a fim de que este respeitasse SUS normas poéticas. Com efeito, o Cordel precisa ter o formato poético consagrado, a fim de que dê continuidade ao rigor dessa manifestação tradicional do nosso país (VIANA, 2006). Para se construir um cordel de qualidade, o autor precisa estar atento a algumas regras básicas dessa literatura popular.

Levou-se em consideração, no processo avaliativo, o paralelo do assunto com a linguagem popular e com a ciência, o que torna o material um cordel de cunho científico. Ainda, considerou-se a abordagem didática do assunto e os recursos gráficos. A partir desses parâmetros, e com base nos cordéis apresentados, observa-se que todos, cumprem relevante função social, de permitir a assimilação de diferentes conteúdos, refletindo o caráter sócio interacionista de sua linguagem, sendo caracterizada como um gênero secundário e plurivocal, segundo Alves (2008), não havendo a desvinculação da realidade e da verdade científica.

Enquanto instrumento metodológico, o cordel, adotado para avaliar as atividades dos alunos exige do docente, e do aluno/cordelista, conhecimento sobre as técnicas de elaboração dos cordéis e sobre a temática, pois esse deve contextualizar o científico com o lúdico. Os critérios para a avaliação são claros para os alunos, de forma que elaborem o material visando alcançar o objetivo da atividade.

O material produzido foi transformado em livretos e exposto na escola, demonstrando o valor científico e popular que o mesmo denota.

CONSIDERAÇÕES

³ Xilogravura que é uma técnica de reprodução de imagens, e textos também, que se utiliza de uma matriz de madeira. A matriz é entalhada à mão com um buril ou outro instrumento cortante. As partes altas que receberão a tinta é que vão imprimir a imagem no papel.

Diante do estudo, pode-se concluir que o cordel é um gênero da literatura que possui um grande potencial didático. Fazendo uma análise superficial, é possível comparar sua potencialidade em relação ao uso de um texto convencional, que promove certo padrão. Percebe-se que a criação dos cordéis como instrumento de avaliação alterna as práticas de ensinar e desperta grande interesse dos alunos e como consequência se proporciona um aprendizado conciso.

A Literatura de Cordel é um gênero de linguagem que está historicamente enraizado em um espaço de profundas relações entre o homem e a natureza e, portanto, é fruto de um espaço vivido, seu uso pode conferir ao processo de ensino aprendizagem de Geografia inúmeras possibilidades de exploração didática, refletidas através da observação direta do seu uso na sala de aula.

O ensino de geografia na contemporaneidade continua a enfrentar muitos desafios, principalmente aqueles que rompem as amarras do tradicionalismo. A pesquisa em ensino nos ajuda na busca de novas perspectivas teórico-metodológicas, necessárias para a renovação das práticas dessa ciência.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. M. Literatura de Cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, v. 4, p.103 – 109. Jul – dez, 2008
- BRASIL**. Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, H. C. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CATROGIOVANNI, A. C. et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Seção Porto Alegre, 1998.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002. LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- DIÉGUES JÚNIOR, M. A origem, causa e singularidade do cordel no Nordeste. In: LOPES, J. R. (Org.). **Literatura de cordel: antologia**. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

DIEGUES JÚNIOR, M. A. (1973). Literatura de Cordel do Nordeste. In. Literatura popular em verso. Rio de Janeiro: MEC / Fundação Casa de Rui Barbosa.

GRILLO, M. A. de F.. Cultura Escolar Migrações e Cidadania. Actas do VII Congresso LUSO-BRASILEIRO de **A literatura de cordel e o ensino de história** História da Educação. 2008.

LONGOBARDI, N. **Mitos e lendas do Brasil em cordel**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, S. L.. **Metodologia Científica Aplicada ao Direito**. Editora Thomson Pioneira. São Paulo, 2002.

VIANA, A. (2006). *Acorda Cordel na sala de aula: a Literatura popular como ferramenta auxiliar na educação*. Ed. Tupynanquim.